

15-16

1918

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA

Na Oficina do Anuario Comercial Praça dos Restauradores, 24.

MCM XVI

SUMÁRIO

N.^{os} 15 e 16 — ABRIL E MAIO DE 1917

| | Pag. |
|---|------|
| A architectura pre-românica em Portugal (Lourosa) — <i>D. José Pessanha</i> ... | 49 |
| Iconografia Portuguesa..... | 55 |
| Nossa Senhora de Cárquere — <i>Vergilio Correia</i> | 56 |
| Velhas portas de antigos castelos — <i>Ribeiro Christino</i> | 61 |
| A igreja românica de Font-Arcada — <i>P. Manuel de Aguiar Barreiros</i> | 65 |
| Casas de Portugal — II — Casa dos Viscondes do Marco — <i>José Queiroz</i> ... | 70 |
| Uma medalha portuguesa — <i>Martinho da Fonseca</i> | 79 |
| Le char et le traineau dans l'art rupestre d'Estrémadure — <i>H. Breuil</i> | 81 |
| Um baculo — <i>Francisco Lage</i> | 87 |
| Notas: 1. ^a) Trajos populares minhotos, do meado do século XIX — <i>V. C.</i> ... | 54 |
| 2. ^a) Arqueologia iberica: | |
| a) <i>Excavaciones en la Cueva y Colado de los Jardines</i> | 80 |
| b) <i>Comision de investigaciones paleontogicas y prehistoricas</i> ... | 86 |
| 3. ^a) A arte rustica em Evoramonte — <i>Antonio M. do Carmo</i> | 91 |
| 4. ^a) Um tear de Castelo de Vide — <i>Luis Keil</i> | 92 |
| 5. ^a) Azulejos portugueses na ilha de S. Miguel (Açores) <i>Vergilio Correia</i> . | 93 |
| Cronica: | |
| Professor H. Breuil — Alberto Sousa — Associação dos Arqueologos — Exposição de Arte — Casa-Escola portuguesa — Livros: <i>Trabajos del Museo de Ciências Naturales</i> ; <i>Arqueologia Scalabitana Daquem e Dalem Mar</i> ; <i>Da importancia dos documentos diplomaticos em Historia</i> ; <i>Poesia dos Frutos</i> ; <i>Pensamento, palavra e obras</i> ; <i>Agua corrente</i> . | |

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

| | | | |
|---------------------|-------|-------------------|--------|
| PORTUGAL | 1\$20 | ESTRANGEIRO | 7 frs. |
| AFRICA E INDIA..... | 1\$40 | BRAZIL..... | 7\$00 |

Preço d'este numero: \$40

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO:
VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO:
D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO:
H. SANTOS JUNIOR

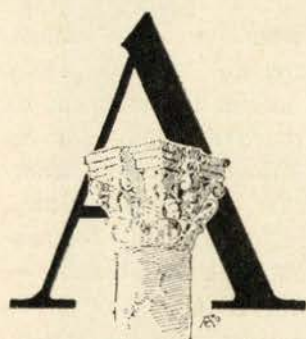
ANNO 2.^o — N.^{os} 15 e 16

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Rodrigo da Fonseca, J. P. — Lisboa
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

ABRIL E MAIO
DE 1917

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

(Continuado da pag. 110 do tom. II)



data 912, — que constitue a mais antiga legenda medieva até este momento encontrada na igreja de S. Pedro de Lourosa, — suggere-me algumas considerações.

Alem das sepulturas rupestres, da Idade-Media, que ainda hoje se observam junto da igreja e que são apenas aquellas que ficaram debaixo da primitiva escada do campanario, muitas outras alli existiam. Fê-las desaparecer, ha pouco, a regularização do terreno em frente das fachadas poente e sul. A vetusta igreja ergue-se, pois, junto de um cemiterio barbaro (visigothico, talvez), se é que não foi construida sobre elle, como outras igrejas medievas, e do mesmo modo que o vasto santuario de Nossa

Senhora de Aires, em Vianna do Alemtejo, assenta sobre uma necropole romana (1).

Um dos canones do primeiro concilio de Braga (anno 561) prohibe, como irreverentes, os enterramentos dentro das basilicas dos santos, estabelecendo que se realizem no exterior, junto das paredes. E' plausivel, pois, suppôr que, a par da necropole de Lourosa, existiu uma basilica, mais ou menos importante.

Será porventura o edificio de que ainda hoje possuímos um nucleo primitivo de tão alta valia essa originaria basilica, devendo nós, portanto, fazê-lo remontar á epoca visigothica, ao seculo VII, como S. Pedro de Balsemão, e referindo-se, nesse caso, a data 912 a uma reconstrucção? Ou datará, effectivamente, do comêço do seculo X, e terá vindo substituir essa primitiva basilica, — talvez humilde e sem condições de resistencia, — o edificio que,

(1) O Archeologo Português, vol. IX, pag. 282 e segs.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL



FIG. 1 — UMA RUA EM LOUROSA
(Cliché de Marques Abreu)

em muitos dos seus elementos essenciaes, ainda agora existe, no centro da portuguesissima Beira, para nos fallar suggestivamente de um passado remoto?

Examinemos a questão sob o aspecto historico e sob o aspecto artistico ou technico.

Em virtude da paz estabelecida em 883 entre o emir de Cordova e Affonso III de Leão, os limites dos territorios christãos demarcaram-se definitivamente, ao sul e sueste, pelo Douro (1). Do lado, porém, do Occidente, as fronteiras leonesas estendiam-se até alem do Mondego, — segundo Dozy (2) infere de passagens da *Chronica* do Monge de Silos e do *Chronicon Conimbricense*. Affonso III tinha, de facto, realizado conquistas na antiga Lusitania: — «Era DCCCC^a IIII^a (3) Ildefonsus, ordonii filius, cepit colimbriam... braccaram et portugalem, uiseum, lamecum, egitana...», — lê-se no *Chronicon Conim-*

bricense (4). E que, pelo menos, Viseu se não havia perdido nas luctas que antecederam as treguas com o emir de Cordova, prova-o a affirmação do Monge silense, de que o rei de Leão, Garcia I, filho de Affonso III, depois da tomada de Regilde, «cum maximo capti-

(1) Herculano, *Historia de Portugal*, 7.^a ed., tom. I, pag. 198.

(2) *Histoire des musulmans d'Espagne*, tom. III, pag. 26-27.

(3) Anno de Christo 866.

(4) *Portvgaliæ Monvmenta Historica*, Scriptores, vol. I, pag. 2.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

vorum, spoliorumque numero, ad Visensem reversus est urbem» (1). Algum territorio ao sul do rio Douro ficaram, portanto, os christãos possuindo, depois de ajustada a paz com o emir de Cordova, paz que só foi quebrada quando, em 914 (2), Ordonho II realizou algumas correrias pela antiga Lusitania, áquem e além do Tejo. Dessas e doutras empresas, como as de Ordonho III, parece, contudo, não haver resultado dominio estavel de christãos ao sul do rio Douro até á epoca das importantes conquistas de Fernando I na Beira, nas quaes, segundo a *Chronica dos Godos*, consumiu oito annos, expulsando então os sarracenos de Seia, Viseu, Lamego, S. Martinho de Mouros, Penalva, Travanca e outros castellos vizinhos e, finalmente, de Coimbra.

Esta indecisão de fronteiras, determinada pela sorte, ora favoravel, ora adversa, das armas christãs, torna extremamente difficil, se não impossivel, averiguar se, pelos annos de 912, a região em que demora Lourosa fazia parte do dominio mahometano ou da monarchia leonesa, de que era então chefe Garcia I.

Admittamos, porém, a primeira hypothese; acceitemos que essa região era, ao tempo, habitada por uma população em que preponderava o elemento mosarabe, — elemento indeciso, meio sarraceno, meio godo, que facilmente se accommodava ao predomínio de muçulmanos, ou ao de christãos (3) — e vejamos se as condições em que essa população vivia

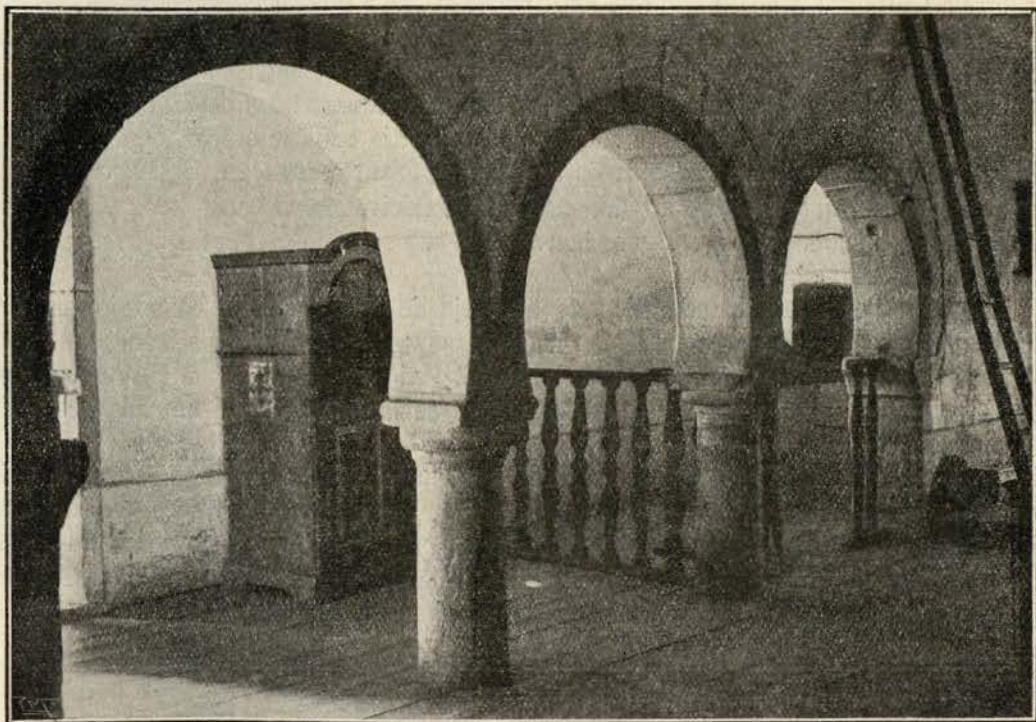


FIG. 2 — IGREJA DE LOUROSA — OUTRO ASPECTO DA ARCADA DO LADO DA EPISTOLA (VID. TOM. II, PAG. 68)
(Cliché de Marques Abron)

(1) Cap. 42, *in fine*. (*España Sagrada*, tom. XVII, pag. 286-7).

(2) Data indicada pelo celebre escriptor arabe Ibne Caldune. (Vid. Dozy, obr. e tom. cit., pag. 33).

(3) Herculano. *Historia de Portugal*, 7.^a ed., tom. VI, pag. 47.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

tornam plausível a hypothese de haver sido por esse tempo edificada a multiseular igreja de S. Pedro de Lourosa.

Pensa Dozy (1) que succedeu na Hispanha o que succedera nos outros países conquistados pelos arabes: — o dominio mahometano, transigente e brando de comêço, quando ainda vacillante, converteu-se depois em fero despotismo. Parece, comtudo, que, pelo menos sob o ponto de vista religioso, a dominação arabe, se não foi tão tolerante como Herculano e outros escriptores no-la apresentam, não deve tambem ser aquilatada, em geral, pelas terribes perseguições de que nos fallam Santo Eulogio e Alvaro de Cordova.

A invasão da Peninsula não teve, decerto, como objectivo (ao menos, como objectivo principal) a dilatação do islamismo. A que o numero dos sectarios do Alcorão crescesse, os muçulmanos preferiam, sem duvida, que avultasse o rendimento das contribuições, pessoal e territorial, impostas áquelles que se não convertessem. E' certo, no entanto, como observa o sr. dr. Fortunatô de Almeida (2), que a sorte dos christãos dependia, em geral, do despotismo de um emir, do fanatismo, da ambição e da rapacidade de um valí, ou de um alcaide.

A liberdade religiosa dos hispano-godos era, pois, precaria, eventual. Nos seculos x e xi, segundo se infere dos monumentos paleographicos, era, porém, avultado, no actual territorio portuguez, o numero de igrejas, mosteiros e asceterios. Affirma Simonet (3) que, na Hispanha, foi a Igreja Catholica a instituição que mais padeceu com a dominação sarracenic. Mas esse mesmo auctorizado escriptor confessa que, se a Igreja vivia sob uma dura e affrontosa servidão, o culto publico da religião christã era permittido e livre na Hispanha muçulmana (4).

Em regra, o numero de igrejas, que os christãos submettidos deviam conservar, era fixado no momento da capitulação, e não se lhes permittia edificar outras, oppondo ainda a legislação muçulmana sérias difficuldades á reedificação ou reparação daquellas que se aruinassem. Estes principios não foram, comtudo, inflexivelmente observados por todos os chefes politicos mahometanos, e alguns houve, até, que se não oppuseram á construcção de templos christãos (5).

Não é, pois, temerario admittir que a igreja de Lourosa fosse construida em 912, ainda mesmo que, a esse tempo, a região não fizesse parte da monarchia leonesa.

Sob o ponto de vista architectonico, ha em S. Pedro de Lourosa um elemento, — pelo menos, — que nos leva tambem a considerar esse edificio posterior á entrada dos arabes na Peninsula.

O arco de Lourosa (fig. 3) é o arco de ferradura traçado com um centro unico, isto é, o arco ultrasemicircular, em que o arabe, com o seu espirito scientifico, transformou o arco visigodo, no qual os extremos do semicirculo se ligavam aos extremos dos apoios, umas vezes, por meio de arcos de uma circumferencia traçada com outro raio, outras vezes, por meio de curvas *de sentimento*, em geral muito pouco accentuadas (6).

(1) Obr. cit., tom. II, pag. 45-46.

(2) *Historia da Igreja em Portugal*, tom. I, pag. 143.

(3) *Historia de los mozarabes de España*, pag. 119.

(4) Obr. cit., pag. 128.

(5) Simonet, obr. cit., pag. 83-84.

(6) Vid. Lampérez y Romea. *Historia de la Arquitectura cristiana española en la Edad-Media*, tom. I, pag. 127-8.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

E' certo que o arco do glorioso presbyterio da nossa Beira não tem a proporção mahometana, sendo o respectivo alteamento inferior ainda, como pode verificar-se na fig. 3, áquelle que, segundo Lampérez y Romea, caracteriza o arco visigodo ($\frac{1}{3}$ do raio). E' certo, igualmente, que, em Lourosa, não existe a *çapata* que, nos arcos mosarabes, se interpõe (nem sempre, todavia) entre o arco e o capitel, mas apenas uma singela imposta.

O ser, porém, monocentrico bastará, porventura, para corroborar a hypothese de ter o precioso monumento sido realmente construido em 912, podendo talvez collocar-se no grupo latino-mosarabe, — embora não sem aquellas reservas com que Lampérez y Romea classifica de mosarabes certos monumentos hispanhoes, que, não podendo entrar em nenhum dos agrupamentos historico-geographicos da architectura mosarabe, offerecem, comtudo, traços caracteristicos della (o arco de ferradura, sobretudo) e pertencem ao periodo em que essa arte se manifestou (seculos IX e X).

O monumento de Lourosa foi revelado aos estudiosos pelo sr. Joaquim de Vasconcellos em 1912 (1). Cerca de cinco annos antes, fôra visitado pelos srs. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos e Antonio Augusto Gonçalves, que, segundo ouvi, decalcaram as datas 950 e 1226, mas não deram noticia delle.

Em 1908, estive em Lourosa, a convite de um amigo, o sr. Marques Abreu, que logo notou a afinidade dêsse venerando monumento com o de Balsemão e photographou alguns dos seus mais typicos e interessantes aspectos. Foi pelas photographias do sr. Marques Abreu que o sr. Vasconcellos teve a primeira revelação de Lourosa. Difficultades de varia natureza oppuseram-se, porém, a que o eminente archeologo iniciasse o estudo directo do monumento antes de outubro de 1911.

Em agosto dêsse anno, estive tambem alli o sr. dr. Vergilio Correia, que, sobre a vetusta igreja — para elle, verdadeira surpresa — publicou uma serie de artigos na *Folha de Oliveira*, reeditando-os logo depois no já citado folheto *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella*.

Em 1916, por tres vezes alli estive o auctor destas linhas: — nos dias 1 e 18 de maio e 9 de setembro, acompanhando-o, da primeira e da terceira vez, o sr. Marques Abreu, e,

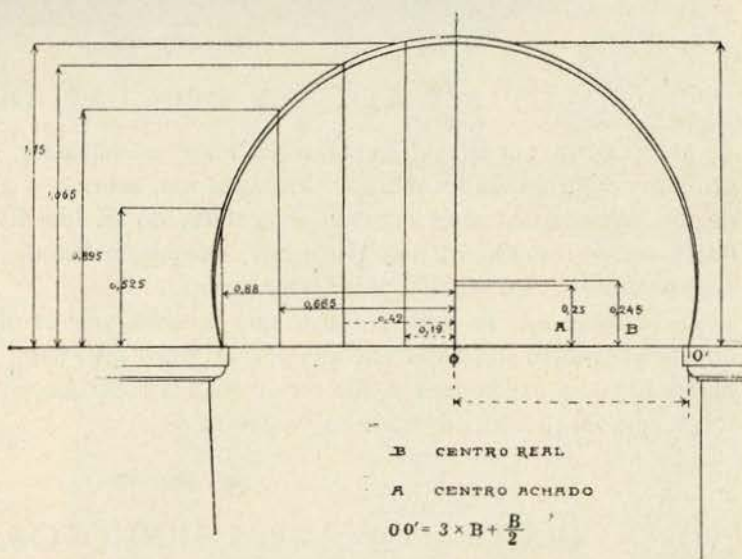


FIG. 3 — IGREJA DE LOUROSA — UM DOS ARCOS DA NAVE

(1) *Arte*, n.ºs 82, 83 e 87 (Porto, 1912).

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

da segunda, alguns alumnos do curso de architectura da Escola de Bellas-Artes de Lisboa, dois dos quaes, os srs. Luis Alexandre da Cunha e Carlos Rebello de Andrade, levantaram a planta publicada a pag. 67 do tomo II desta revista.

Posteriormente a 9 de setembro do anno passado, por duas vezes, pelo menos, voltou o sr. Marques Abreu a Lourosa, obtendo, de ambas, interessantes *clichés* e effectuando, de uma dellas, as medições necessarias para o traçado da fig. 3.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.

BIBLIOGRAPHIA. — *Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal — III. Presbyterio de Lourosa*, por Joaquim de Vasconcellos. (Na *Arte*, n.ºs 82, 83 e 87, Porto, 1912). — *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrella* (Lisboa, 1912), por Vergilio Correia. (Monographia primitivamente publicada na *Folha de Oliveira*.)



A «CASA DOS PATUDOS»

Devido a um lapso, deixámos de fazer acompanhar o interessante artigo do nos-o presado amigo e collaborador, sr. José Queiroz, sobre a «Casa dos Patudos» da reproducção de um dos quadros mais notaveis da galeria do sr. José Relvas, *A Visão de S. Paulo*, de que é auctor o grande artista português, Domingos Antonio de Sequeira. Damo-la hoje aos nossos leitores, reproduzida pela photographura.

Tambem não foi dito, e é justo que se saiba, que as photographias para as gravuras, que acompanham o alludido artigo, foram feitas pelo habil photographo amator, o sr. dr. Manuel Feijão, exceptuada a que serviu para a reproducção do retrato da rainha de Inglaterra, que foi tirada pelo sr. Silva Nogueira.



TRAJOS POPULARES MINHOTOS, DO MEADO DO SECULO XIX

Numa brochura hoje bastante rara, da autoria de José J. da S. Pereira Caldas, intitulada «Apostamentos geraes sobre os mais notaveis objetos que podem attrahir as attenções de SS. MM. FF., na sua viagem pelo districto de Braga em 1852», e publicada na capital do Minho nesse mesmo anno, encontram-se algumas indicações interessantes acerca dos vestuarios provincianos da epoca.

A paginas, 10, quando se occupa dos habitantes e dos seus trajos, escreve o autor: . . . «O seu modo de vestir differe segundo as possibilidades de cada um. — Nas aldeas é frequente o calçado de sóccos ou tamancos, a calça, o colete ou jaleco e a veste de lan, ordinariamente das fabricas do reino; — e nas epochas de calor, usam-se as roupas d'estopa e de linho, e ainda de tomentos. — Os homens usam muito do seu capote de panno do reino, e ainda de chapeo grosso das fabricas de Braga; — e nos serviços e jornadas, por tempo de chuva, de coróças de palha de junco, em que ha muita profusão. — As mulheres mais pobres usam de saias de tenilha ou farrapos, como ellas lhes chamam, (e é tecido especial de tiras de pannos usados), coletes de panno ou baetão de cores, e nos tempos d'hynverno de faixa á cinta, pelo regular de cor vermelha ou verde. — N'umas partes, como para as bandas do Prado, usam de capuchas sobre os hombros; e n'outras, como para o sul de Guimarães, usam d'uma saia voltada sobre a cabeça, e com um grande bico que lhes deca anteriormente sobre os pés. — Para os lados do Gerez, pelo contrario, vestem-se os homens e as mulheres quasi sómente dos tecidos assaragoçados, que fabricam de lan, dos carneiros e das ovelhas que elles teem.» . . .

V. C.

ICONOGRAFIA PORTUGUESA

Alberto Sousa, o aguarelista insigne que os leitores da *Terra Portuguesa* teem admirado na direcção artistica desta revista, e Mario Salgueiro, jornalista e poeta de talento, propuseram-se publicar uma serie de monografias ilustradas, em que as principaes figuras da historia portuguesa apparecessem na maior soma possivel de documentos iconograficos, coevos da personagem ou feitos posteriormente, sobre antigos retratos.

E' inutil encarecer a importancia de uma publicação dèste genero, verdadeira novidade entre nós, pois que os interessantes artigos publicados na *Ilustração Portuguesa* sobre «Iconografia tumular» apresentam um aspeto unilateral e limitado, e os estudos sobre Nun'Alvares, Rainha Santa, D. Manuel, etc., que se devem a alguns illustres escritores, representam sómente tentativas isoladas, sem o carater de serieção que preside á nova publicação de Alberto Sousa e Mario Salgueiro.

Esta obra é do mesmo genero da que o gravador portuense Marques de Abreu está realizando com a sua *Arte Romanica*, que é um verdadeiro inventario grafico das nossas riquezas architecturaes. Os documentos ficam assim patentes para quem tranquilamente os quiser estudar, discutir e autenticar.

Os autores da *Iconografia Portuguesa* vão colocar ao alcance de todos as pinturas, as gravuras, as esculturas, que se refiram a individualidades historicas de renome. Não temos senão que agradecer-lhes e felicita-los por esta boa obra. A primeira monografia saída occupa-se de Nun'Alvares, de que se reproduzem nove retratos, e aparece com um prefacio do sr. dr. Julio Dantas, para quem o heroe das guerras da independencia não é um desconhecido, ou um motivo accidental de estudo. Acompanha-a tambem o magnifico trabalho do sr. dr. José de Figueiredo acêrca do retrato do Condestavel existente no palacio Pomal em Oeiras, e que toda a Lisboa que se interessa por cousas de arte teve occasião de examinar durante o tempo que esteve exposto no Museu Nacional de Arte Antiga.



NUN'ALVARES, DONATO CARMELITA. GRAVURA ABERTA EM COBRE POR PEDRO PERRET OU PERETO (1610), PARA ACOMPANHAR A PRIMEIRA EDIÇÃO DO POEMA DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO, «CONDESTABRE DE PORTUGAL» (RETRATO DO ROSARIO).

NOSSA SENHORA DE CARQUERE



E Resende a Carquere, não chega a ser uma legua.

Sobe-se por íngremes ladeiras, calçadas de granito em blócos almofadados e polidos pelo uso, até á Feira Nova, onde se entra sob um docel de ramadas. Dahi para deante o caminho velho segue quasi em plano, pelo fundo de um vale, direito aos montes anegrados que trepam para as alturas, cobertos de arvoredos. A que altitude se está já acima da corrente do Douro! E, comtudo, quanto não tem que se escalar ainda, para alcançar esses povoados serranos, que se alcandoram entre os rochedos e os castanheiros seculares!

É manhã cêdo, e a terra, empapada da agua das régas e do orvalho, rescende frescura. Como no Minho e na Campania, a vinha enleia-se no arvoredos solto, abandonando braços que se inclinam e nos roçam com doçura, na passagem.

Destacado da serra como um promontorio, o môrro de Carquere aparece, sobre a direita, as linhas indistintas na vegetação envolvente.

Galga-se a ponte de alto arco, que um painel devoto ságra, na entrada, e eis-nos de novo a subir. De um lado e outro: — paredes novas, com o granito, alvo como marmore granuloso, a luzir; casas semeadas ao acaso das pousas da ladeira; cantilenas monotonas de tear ou rumores abafados de malhadas; castanheiros pingando ouriços arreganhados, os beiços espinhosos entre verde e leite; alminhas em blocos isolados; aguas claras — alma da serra — descendo em minusculas cascatas, empoçando aqui, serpenteando ali, saltando mais abaixo, aromatizando tudo de frescôr; milhos tenrinhos — nobreza do pobre — vagamente flórdelizados. . . Atravessa-se um recanto adoravel da terra portuguesa.

Estamos no alto da encosta. — Um *canastro* erguido sobre piões e mós de pedra —, possivelmente verdadeiras mós romanas —, uma capelinha aberta, sob que se abriga uma escultura barbara, e eis a torre de Carquere, maciça e ameada, escurecida e tristonha, em toda a sua rustica imponencia de atalaia serrana.

Conforme narra Duarte Galvão na sua *Chronica delrey D. Affonso Henriques*, publicada em Lisboa em 1726 por Miguel Lopes Ferreira, o primeiro rei de Portugal nasceu em Guimarães no ano de 1094 (1). O filho de D. Teresa e do

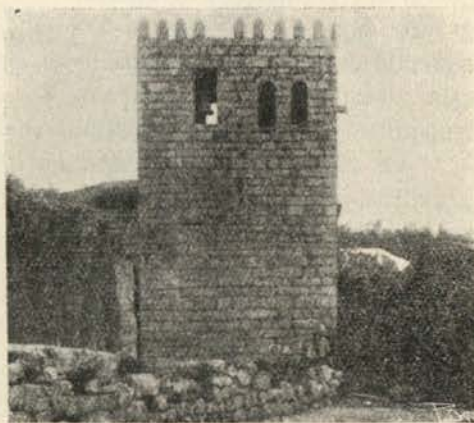


FIG. 1 — A TORRE DO MOSTEIRO

(1) Outros dizem que em 1109.

NOSSA SENHORA DE CARQUERE

conde D. Henrique, ainda que formoso e bem conformado, viéra, porém, á luz com as pernas pegadas dos joelhos para baixo. «Pegadas las piernas desde las rodillas a los tovillos», esclarece eruditamente Faria e Souza (*Europa Portug.*, t. II, p. 32).

Egas Moniz, ricomem de Entre Douro e Minho, levou o menino para a sua companhia e comsigo o conservou durante largo tempo, pedindo sempre a Deus, paras eu amo, o «exercio dos pés que a natureza lhe negava». E aqui succede a maravilha que Duarte Galvão relata a paginas 4 e 5 da sua *Cronica*:

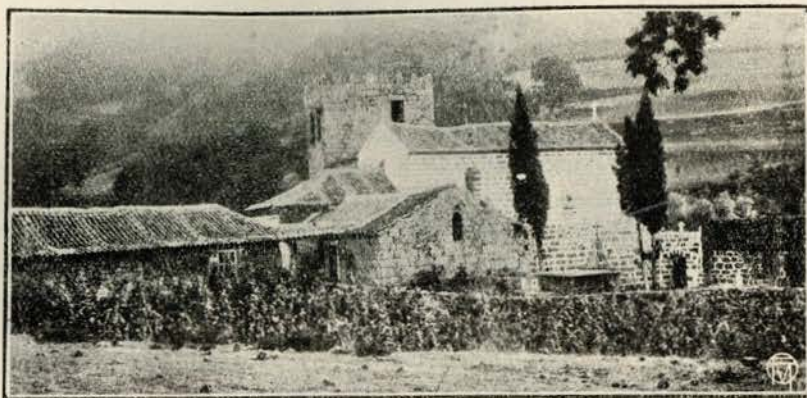


FIG. 2. — ASPECTO GERAL DO EDIFÍCIO DO MOSTEIRO

«E jazendo D. Eguas hua noyte dormindo, sendo já ho menino de sinquo annos, lhe appareceu nossa Senhora, e dice: *D. Eguas dormes*. Elle ha esta vóz e visão acordando, respondeo: *Senhora quem sões vós*. Ella dice: *Eu sam ha Virgem Maria, que te mando q vas ha hum tal lugar, dando-lhe logo hos sinaes delle, e faze hi cavar, e acharas hi huma Egreja que em outro tempo foy começada em meu nome, e hua Imagem minha; faze correr a Imagem, e ha Egreja feita á minha honra; e esto feyto farás hi vigilia poendo o Menino q crias sobre ho Altar, e sabe que guarecera, e será sam de todo, e nom menos te trabalha da hi avante de ho bê guardar, e criar como fazes; porque meu filho quer por elle destroir muitos imiguos da Fée.*»

Ora D. Egas seguiu á risca as ordens da Senhora, achou a igreja e a imagem, e o menino Afonso guareceo. . . «E por causa deste milagre foy depois feyto em esta Egreja com muita devação ho Mosteiro de Carquere. . .» (pag. 6 da *Crónica*).

Como Carquere é uma grande estação archeologica, onde teem aparecido dezenas de lapides funerarias, por sinal muito tipicas, não admira que Egas Moniz tivesse conhecimento de que no lugar existia algum edificio antigo soterrado, e que á volta dêsse facto se efabulasse toda a lenda.

Segundo a *Chronica dos Conegos Regrantés*, igreja e mosteiro foram fundados pelo conde D. Henrique, que no proprio ano de 1099 começou as obras, em memoria do milagre. O edificio conservou-se em poder dos conegos, a quem foi doado, até 1561. Em 1541, D. João III, com grande zanga dos conegos, segundo o dá a entender Dom Frei Nicolau de S. Maria, ofereceu o mosteiro ao Padre Simão Rodrigues, para lá estabelecer os seus jesuitas. O astuto padre entendeu, porém, que lhe convinha mais ficar ao pé da Côrte, e trocou Carquere pelo Mosteiro de Santo Antão o Velho, ao pé do Castelo de Lisboa (1). Continuou,

(1) O Mosteiro de Santo Antão o Velho é o «Coleginho» da Mouraria. (Informação do sr. Prof. Borges Grainha).

NOSSA SENHORA DE CARQUERE

portanto, o convento em poder dos conegos até 1561, época em que o Cardeal D. Henrique cedeu as rendas aos referidos jesuitas. Tinha que ser.

Tudo isso passou. O velho mosteiro é hoje a séde da parouquia.

Em N.^a S.^a de Carquere contamos, além da torre ducentista, a igreja, o conventinho, com dois andares, flanqueado de um arco largo por onde se desce ao terreiro em frente do templo, e o cemiterio, murado e quadrangular, delimitado, a nascente, por um anexo da igreja, onde se encontram a sacristia e o pobre e frio panteon dos senhores de Resende. Por detrás deste anexo fica a residencia paroquial. Sobre a esquerda, eleva-se brandamente o extremo do mórro de Carquere, o alto chamado «das procissões», fóco principal do antigo *castro* e da povoação romanizada que o continuou. A planta sumaria que levantei, evidencia a disposição geral das construções.

A igreja, de uma só nave, é de fabrica manuelina, no corpo, de construção gotica na capela-mór. O arco da porta principal, bastante pobre, o do cruzeiro, com tres arquivoltas, o do côro, largo e abatido, a porta lateral esquerda e a cachorrada polimorfica da face visivel estão claramente mostrando o trabalho do primeiro terço do século XVI. Na capela-mór, as nervuras cruciaes da abobada, as colunas grosseiras que as aguentam, os cachorros do friso exterior, e as duas janelas geminadas, com seu oculo quadrilobado sob o gume da ogiva, denunciam o fim do século XIII ou o começo do XIV.

Metido na parede esquerda da capela-mor, fica um tumulo monumental, impossivel de examinar por causa da armação de talha que o reveste. Parte da parede desta banda foi rôta, para estabelecer passagem para uma sacristia, de aspeto relativamente moderno.

Logo contigua a esta sacristia encontra-se a parte mais antiga do edificio, uma camara retangular, simples e acanhada, onde se alinham quatro arcas tumulares de pedra,

duas das quaes, as da esquerda, se encostam a arcadas abertas na espessura da parede.

Os sarcofagos, compridos mais de dois metros, trapezoidaes, pesados, barbaros, adornados nas tampas com escudos oblongos, onde se deliniam cabras toscas, são iguaes aos da entrada de S. João de Tarouca, S. André de Mafra, Sé de Lisboa, Vilarinho, Cerzedelo, Pombeiro, etc. Puros séculos XIII e XIV.

Sobre o primeiro da direita ha um escudo deitado

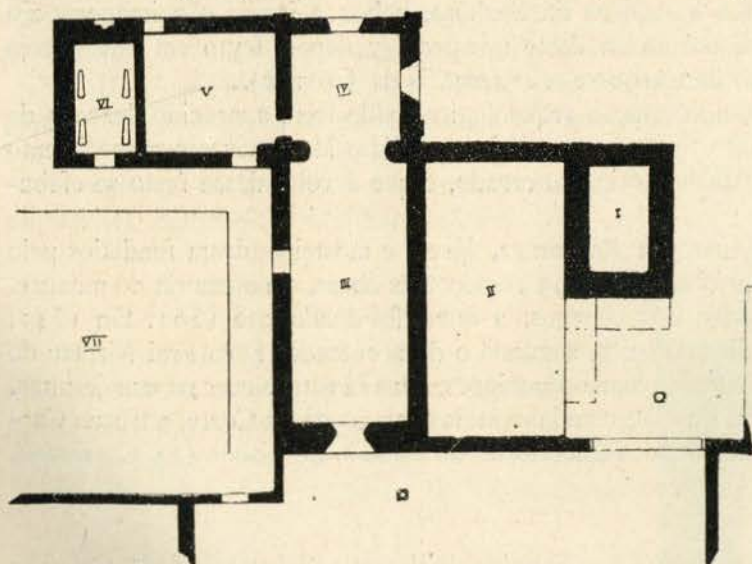


FIG. 3 — PLANTA SUMARIA. I — TORRE; II — CONVENTO; III — IGREJA; IV — CAPELA-MÓR; V — SACRISTIA; VI — CAPELA FUNERARIA; VII — CEMITERIO

NOSSA SENHORA DE JCARQUERE

ao correr da tampa, ornado com uma cabra entre duas cunhas. Cravado na parede, por cima do segundo, um retângulo de pedra de 0,66 por 0,45, mostra a seguinte inscrição, em gótico, e em seis linhas:

Aqy jas ho virtuoso sôr — vasco mis de resende. do — cõselho delrey don affon — so. rejedor da sua justica — na comarqua. dantre — douro e minho.

Por cima da primeira arca do lado esquerdo, que ostenta na tampa um escudo com duas cabras, está incrustada uma inscrição semelhante á anterior, onde se lê:

Aqy. jas. o sñor. vasco — mis de resende (deto) ne — to. de. mar. tin. affons. q. — foy sôr. de. toda. esta. terra. de. resende.

Sobranceira á segunda arca desta banda fica a inscrição mais pequena:

Aqy jas — o senhor gil — vas de — resende.

Dizem estas inscrições cravadas na parede e, decerto, posteriores aos sarcofagos, respeito a estes e ás pessoas que lá foram depositadas?

Esta capela funeraria dos senhores de Resende, unica parte que resta da fundação do Conde D. Henrique, conserva exteriormente, da banda do nascente, um resalto de pedra, lavrado de laçaria entrecruzada, e uma janela de volta redonda, completa, que é das cousas verdadeiramente interessantes do romanico, entre nós, pelas suas dimensões exiguas e perfeita conservação. Não vale a pena estar a procurar termos de comparação para lavôres das arquivoltas e resalto desta janela; em toda a Europa se encontrariam correspondencias de forma e decoração. E', porém, bom deixar notado que a porta da torre do Mosteiro de Travanca possui uma arquivolta absolutamente igual á lavrada com cabeças de monstros que se examina na nossa fotografia. O sr. Joaquim de Vasconcelos atribue Travanca ao seculo XI. Com o devido respeito, parece-nos que não ficaria mal coloca-la no seculo XII. Carquere, que o Conde D. Henrique construiu e erigiu em Mosteiro, póde datar, o maximo, do primeiro terço do seculo XII. E a sua torre será, talvez, um bocado posterior.

O que admira é como os edificios do Mosteiro tiveram de ser renovados logo nos seculos XIV e XVI.

Na igreja ha duas imagens de grande antiguidade: Nossa Senhora a Branca e a Senhora de Carquere.



FIG. 4 — JANELA DA PARTE ARCAICA DO EDIFICIO

NOSSA SENHORA DE CARQUERE

A primeira, Nossa Senhora a Branca, ocupa o altar da esquerda, que se encosta a um dos ombros do cruzeiro. E' uma imagem um pouco menor que o tamanho natural, de face larga e grossa, com corôa fechada pousada em cima da mantilha, um manto sobre os ombros, preso, no peito, por um firmal quadrilobado. Com a mão direita segura o manto, com a esquerda o menino, que brinca com a correia lavrada do cinto da mãe. E' uma escultura da escola de Coimbra do seculo XIV, e, provavelmente, feita na propria cidade, porque é de pedra de Ançã. Possivelmente o nome de Branca lhe veio dessa circunstancia. As mulheres paridas a quem falta o leite, raspam um pouco da imagem, misturam o pó em agua, bebem-no e obteem fartura no criar de seus filhos.



FIG. 5 — N. S. DE CARQUERE. TAMANHO NATURAL (1).

A imagem da Senhora de Carquere de que vou falar, não é a que se encontra sobre o altar-mór. Guarda-se, com recato, dentro de uma caixa de reliquias, entre minusculos *agulheiros de Nossa Senhora*, de prata filigranada, dos seculos XII ou XIII. E' uma esculturinha de marfim, com 0,029 de altura e 0,014 de base, de trabalho muito antigo.

A Senhora é representada com o menino assente sobre o joelho esquerdo, de corôa encordoada e denticulada posta sobre uma mantilha curta, e de tunica e manto. Com a mão direita um pouco erguida, abençôa, como os Cristos dos evangelarios e dos esmaltes. O menino, coroado como a mãe, segura um livro na mão esquerda, e abençoa tambem com a direita; os seus pés nus, muito rudes, estão virados na mesma direcção. Nos vestuarios ha manchas delidas de ouro e encarnado.

As faces, largas, ovaes, inexpressivas, os gestos e posições, as roupagens sem rigidez, mas sem maleabilidade, indicam um trabalho de alta antiguidade. Nesta mesma posição está composta, em mosaico, em Santo Apolinario Novo de Ravena, uma madona do seculo VI (2). Estaremos em presença de uma imagem visigotica, ou, já do periodo romanico?

O respeito, o religioso cuidado com que eu lhe toquei, para a fotografar! Como nos sentimos impressionados sob as arcadas de uma igreja primitiva, perante uma imagem vista e adorada por reis, ricomens e povo de seculos remotos, que foi talvez levada como talisman, no seu minuscuro relicario de prata, para o meio das refregas contra os mouros, que correu decerto as sete partidas do mundo, de um mundo, que nós não conhecemos, nem conheceremos nunca!

O sol vae alto agora. Desce das encostas, por entre os castanheiros copados, um som ritmado e alegre de tambor. Acaso o senhor da terra manda fazer alardo para algum fossado contra os mouros?!

A paisagem é, ainda, a mesma que conheceram os donatarios de Resende. Os tempos, porém, são outros. Aquele som, a que uma voz estridente de rapariga se une breve, é o pregão da *rôga* serrana que vae para as vindimas do Douro, entre descantes. . .

(Fotografias e planta do autor).

VERGILIO CORREIA.

(1) Alberto de Sousa fiel e graciosamente desenhou a figura sobre uma fotografia do autor.

(2) A. Venturi, *La Madone*, Paris, pag. 3.

VELHAS PORTAS DE ANTIGOS CASTELOS

NESTE belo país de Portugal, «á beira mar plantado», no amovel dizer do poeta, são sempre motivo de arte e de pitorêscos os seus decrépitos castelos mouriscos ou christãos, existentes hoje, na maioria, em ruínas, a que o tempo e a natureza deram a escura pátina e os graciosos enfeites das verdes heras a amenizar-lhes os despojos.

Aos amigos do passado, que decerto são todos os leitores da *Terra Portuguesa*, devem ser em extremo sugestionadoras essas venerandas reliquias, em que se aprumam ainda panos de vetustas muralhas, restos caducos de bastiões e de dismanteladas torres de menagem, tudo ainda rematado, aqui, ali, pelo dentado de alguns renques de ameias; belas ruínas, que agora vão servir de tema para um concurso de turismo português.

A' imaginação acode logo, ao vê-as; a lembrança dos guerreiros dos tempos idos, que nesses castelos os defenderam, os guardaram; como que se espera ver surgir a cada momento, no alto do adusto cubelo, o vulto energico de um bésteiro, ou de um homem de ferro, revestido de cota, ou de armadura, brilhando-lhe ao sol o elmo, a couraça, ou a capelina, empunhando na dextra a bésta, a lança, a maça d'armas ou o mosquète, ordenando com altivez que façamos alto.

A' memoria acodem os casos singulares, tradicionaes, mais antigos ou mais proximos do nosso tempo, que de cada castelo se contam e se transmittem de geração em geração, sobre as proezas de que foram teatro, os casos dramaticos ou românticos acontecidos com os walis, os reis, ou os alcaides, seus senhores.

Quando visito uma nobre vila ou cidade portuguesa, não deixo nunca de subir á colina em que se erguem as ruínas do seu roqueiro castelo; e, á maneira que diviso melhor os seus rotos muros e barbacans e que, emfim, chego ao limiar das suas devastadas portas, quando as tem, a imaginação galopa atravez do tempo e do espaço e transporta-me célere aos tempos mediévos da conquista, aos tempos afortunados dos descobrimentos, aos tempos desastrosos da dominação extranjeira, todos bem diferentes dos tempos modernos, em que outras são as defesas militares, pelo que o abandono e a decrepitude, na maioria, transformaram os velhos castelos nacionaes em gloriosos mutilados, a quem as caridosas heras amparam e garridamente enfeitam.

Mas, conjuntamente, ao cerebro aco-



FIG. 1 — PORTA DO CASTELO DE LISBOA

VELHAS PORTAS DE ANTIGOS CASTELOS

de-me logo a apreciação arqueologica, e as arquivoltas, as ogivas, algum decorativo, quebrado escudo de armas, um ou outro ornamento que ainda mantenham, dizem-me melhor sobre a época da sua construção, ou reconstrução, que os mais autenticos e venerandos *infólios* de uma biblioteca.

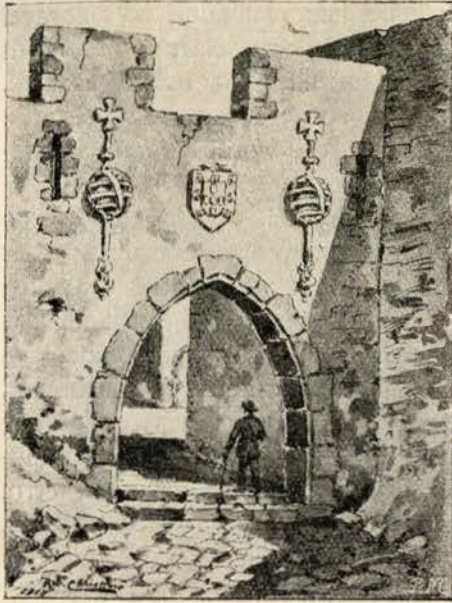


FIG. 2 — PORTA DO CASTELO DE TORRES VEDRAS

E' por isso que este meu artigo, dedicado á notavel revista de arte e usos nacionaes que é a *Terra Portuguesa*, vai por mim ilustrado com desenhos do natural de tres portas de tres diversos castelos, todos da Estremadura, — a linda provincia portuguesa que melhor conheço. São elas as portas de armas do Castelo de Lisboa, do Castelo de Torres Vedras e do Castelo de Leiria, todos bem distintos no seu fácies de arquitetura militar de outras eras.

A' tout seigneur... Comecemos pela velha porta do Castelo de S. Jorge, o famoso que defendia a Alfama, a Lisboa antiga. Ao cimo de uma estreita rua da alcandorada e decrépita cidadela lisboense, abre-se um pequeno largo, ao qual algumas raquiticas arvores dão sombra, e lá, então, uma ampla porta de ogiva equilateral se patenteia a meio da grossa muralha com esguias seteiras; ao lado esquerdo, e um tanto elevado, nota-se, esculpido, um denegrido e tosco escudo de armas do reinado de D. Afonso III, tendo as cinco Quinas nacionaes,

sendo as duas lateraes deitadas, e quatorze ingenuos castelinhos em volta, como um rosario; no vértice da ogiva, sobresaí uma esfera armilar, indicativa de qualquer reconstrução feita no seculo XVI.

Pela larga entrada, que duas meias portas de varões de ferro fecham, avista-se a enorme quadrela conhecida por a *Torre de Ulisses* e, na sua base, uns restos de ogivas. E' o que ainda define a entrada da alcçova dos reis afonsinos.

Outra porta, e esta gloriosa pela tradição, se encontra em ponto oposto do castelo, a qual é formada de arco redondo, abobadado na espessura da muralha, tendo ao lado uma inscrição e uma cabeça de pedra em um nicho, recordando aos vindouros o heroico Martim Moniz, que ali morreu, para que os portugueses tomassem aos moiros o seu famoso e quasi inexpugnavel castelo.

Estamos agora longe, na opulenta e formosa vila de Torres Vedras. No seu extremo oeste, ergue-se, isolado, o monte, com o seu historico castelo; tambem ali, no topo da ladeira que a ele vai ter, um grande arco ogival lhe dá ingresso, tendo sido as pedras que o formam, desigualmente aparelhadas.

Uma alta e forte muralha de esburacada cantaria, com algumas seteiras, lhe fica sobranceira, e vê-se terminada em cima por enormes ameias, dizendo-nos assim ser o todo medieual, do seculo XII ou XIII; más, no eixo da larga porta, ostenta-se o escudo nacional de Quinas direitas, consoante a reforma de D. João II, e os sete castelos em cima e nos lados, como ainda hoje é uso; no alto e de cada lado, destacam-se duas esferas armilares, de grande

VELHAS PORTAS DE ANTIGOS CASTELOS

relevo e perfeição de acabamento, colocadas cada qual a meio de uma vara de pé ornamentado e encimadas por cruces de Christo, tudo de grande caracter decorativo, — o que demonstra ter havido ali reconstrução manuelina, época em que se remoçaram a maioria dos castelos e templos de Portugal.

Para alem da porta gotica, divisam-se porções de grossos muros dos velhos paços afonsinos, e melancolicamente nos lembramos de que ali e em torno do castelo se travou o sanguinolento combate entre cartistas e patuleias, quando foi da revolução da Maria da Fonte.

Ainda algumas leguas mais ao norte, visitamos Leiria, que se enobrece com possuir as ruínas do mais artistico castelo português, pois contem fortaleza, alcáçova e capela, tudo de estilo ogival, ás quaes D. Diniz e depois D. João I floriram deliciosamente as pedras.

Uma primeira porta se vê, de arco circular, a qual só por milagre se mantem ainda de pé, de tal modo as suas tôscas aduelas, de varia, corroída pedra, sendo algumas interessantes *cippos* romanos da antiga Colipo, estão desfeitas; por ella se dá ingresso ao ingreme caminho e estreita escada de quasi desaparecidos degraus, por onde se sóbe para a porta principal, aberta na base de uma alta torre quadrada, em arco perfeito e, portanto, de caracter românico, e de funda abobada; nas suas cantarias, de desigual côrte, vêem-se os buracos onde giravam os eixos dos portões e o rasgado sulco destinado ao formidavel barrote ou ferro, que os trancava.

A torre que lhe fica sobranceira, evidentemente construída mais tarde, tem ainda hoje duas ordens de pequenas janelas conjugadas, de ogiva, de onde sinos, hoje desaparecidos, tangeram signaes e repiques, para conhecimento do burgo, do que se passava no seculo XIV na régia alcáçova de D. Dinís ou na anexa, linda capela da Senhora da Rocha.

Como que entre os humbraes de aquella antiga porta, se divisa ainda o bondoso vulto da Rainha Santa Isabel, aguardando, com os seus pagens e homens de armas de brandões acêsos em punho, para alumiarem a chegada do rial esposo, que vinha cego... de Amôr (1).

Velhos castelos de Portugal, tão suggestivos de arte e de tradições: como, nas vossas desmanteladas ruínas, sois dignos da mais carinhosa veneração!...



FIG. 3 — PORTA DO CASTELO DE LEIRIA

(Ilustrações do autor.)

RIBEIRO CHRISTINO.

(1) Nome de uma aldeia dos suburbios de Leiria, que, desde aquele facto, assim se ficou chamando.

A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA



todo aquelle que, deixando-se conduzir pelo seductor ideal da belleza artistica, que tão bem se casa com o amor á *tradição*, percorrer esta linda terra portugueza, que a nenhuma outra cede a vez nas louçanias da paisagem e na riqueza de historicas recordações, para se dessedentar nas limpidas aguas do goso espiritual que nos dão os seus monumentos medievais, aconselhamos que se prepare com inexgotavel dose de *paciencia*, — não vá o *desalento* possuil-o. . .

A fallar a verdade, perdura ainda razoavel quinhão d'essas enternecedoras egrejas, tostadas do sôpro das edades e como que saturadas das preces fervorosas dos crentes; grandiosas pela fabrica avantajada umas, humildes na sua poetica e suggestiva simplicidade outras, decrepitas e carcomidas todas, como empergaminhadas avósinhas, que contam os annos pelos dias. Todavia, d'entre as que escaparam á vesania dos homens, quaes são as que mostram sómente as feridas gloriosas do perpassar dos seculos? Ai! por um inexplicavel vandalismo, a que a platonica e ficticia protecção official não tem obstado, lá estão essas venerandas reliquias d'outros tempos, bem mais sadios, á mercê, na sua quasi totalidade, das sevicias d'uns, da falta de criterio artistico d'outros, e esquecidas a ponto de resultarem, quasi sempre, improficuos os intelligentes e sentidos esforços de quantos se interessam pela sorte das pobres victimas!

Restaural-as, porém, não basta, ainda que segundo todas as regras do estylo primitivo, criteriosamente applicadas. É preciso mais: — restituir-lhes a alma, a vida, que só o ministerio do padre nas cerimoniaes lithurgicas e a humilde oração dos fieis poderão communciar-lhes. E então, sim, a restauração ficará completa; a arte por excellencia — a lithurgia — irá animar essas pedras modeladas com amor por esses ignorados alveneis, que tinham pela maior das honras trabalhar para a casa do Senhor.

Estas considerações suggeriu-as o aspecto vetusto e resignado da egreja romanica de Font'Arcada. Se bem que, felizmente, aberta ao culto, pois é egreja parochial do termo e concelho da Povoia de Lanhoso, districto de Braga, ella, na sua mutez, quanto tem soffrido das injurias do tempo e do desatino dos homens! Digna de melhor sorte, tinha direito a brilhar entre as mais formosas das suas irmãs, e que melhor comprehendidas foram.

Como se teria constituido esta egreja de S. Salvador de Font'Arcada? Magra é a colheita que se consegue das chronicas. Diznos Frei Leão de S. Thomaz que Font'Arcada foi mosteiro de frades

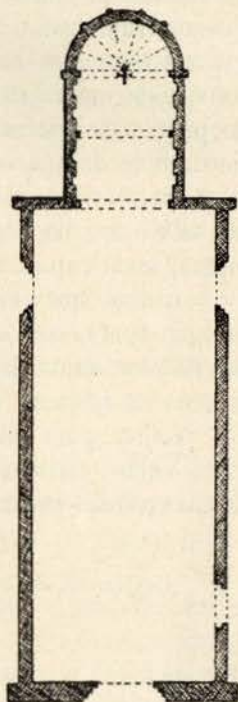


FIG. I — PLANTA DA IGREJA DE FONT'ARCADA

A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA

bentos, fundado em 1067 por Dom Godinho Fafes Serracim, senhor de Lanhoso, pae do alferes-mór do Conde Dom Henrique, Dom Fafes Luz, que coutou este mosteiro, tendo por primeiro abbade Fr. João, que morreu em cheiro de santidade no anno de 1082 (1). Este mosteiro permaneceu com religiosos até ao tempo do Arcebispo de Braga Dom Fernando da Guerra, o qual, em Março de 1424, confirmou a eleição do Dom Abbade Fr. Gonçalo Borges e ainda, em 1437, a de Dom Fr. Fernando, monge, que tinha sido, do Mosteiro de Refojos de Basto. Por renuncia d'este ultimo, o mesmo Arcebispo, D. Fernando da Guerra, munido de Auctoridade Apostolica, como visse que este mosteiro era pouco habitado, supprimiu-o, convertendo-o em parochia secular no anno de 1455. D'ahi a dez annos (2), creou n'elle, para a sua Sé, um bom Arcediagado, no qual tinha cadeira, com obrigação de duas missas annuaes. Os beneditinos, que não levaram a bem esta supressão, vingaram-se do Arcebispo com o chistoso epigramma:

*Fons Arcada, fluens Benedicti, prata rigabat;
Hunc tamen exhausit Praesulis alta sitis.*

A avaliar pela data da fundação do mosteiro e pelo silencio dos textos quanto a reedições (uma, pelo menos, teve-a, que é a actual), seriamos levados a concluir que a actual construção é do seculo XI. E, todavia, nada mais erroneo: — é o proprio monumento, o modo como foi concebida a sua construção, o lavor das mesmas pedras (3), tudo isso que constitue a verdadeira e fidedigna documentação, que nos está indicando o seculo XIII; em principios, se quizermos, mas não sei como assignar-lhe o seculo XII e muito menos o seculo XI. Estamos, por conseguinte, no terceiro periodo do *romanico*, chamado de *transição*, o qual, em varias regiões, muitas vezes dentro do mesmo paiz, ultrapassa o limite normal do seculo XII, construindo-se monumentos d'este estylo em adeantado transcurso do seculo XIII.

Apesar de ser d'uma só nave e carecer de transepto, esta egreja tem, no seu conjuncto, um aspecto de nobre simplicidade e grandeza, a que não é estranho o soberbo effeito que lhe dá o arranjo interior da abside, quando livre do affrontoso retabulo que a encobre. Muito bem proporcionada (fig. 1), mede, no seu comprimento total, incluindo a capella-mór, 32^m,80; id. só da

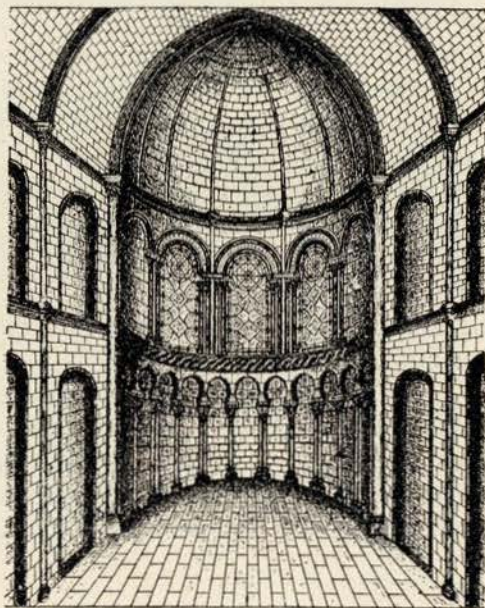


FIG. 2 — INTERIOR DA ABSIDE (RECONSTITUIÇÃO)

(1) Yepes «Chronica de S. Bento».

(2) «Chorographia de Carvalho».

(3) Nota-se n'esta egreja a ausencia systematica de arestas vivas nas saliencias dos angulos, substituidas por molduras tóricas; se exceptuarmos os arcos falsos, que são em pleno cintro, todos os outros são apontados, ou de cintro quadrado.

A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA

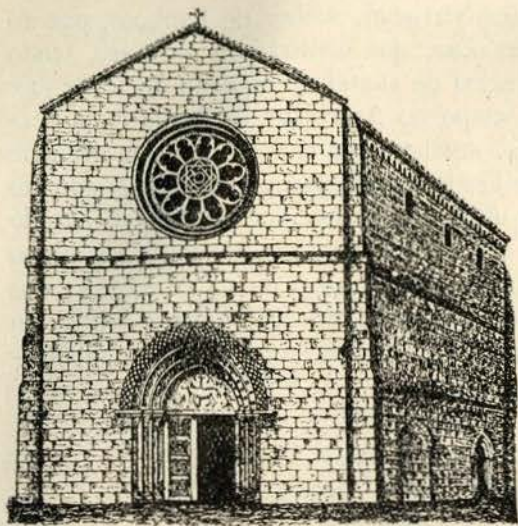


FIG. 3.—FRONTISPICIO. A PARTE MAIS NOTAVEL É A ROSACEA

muros em duas secções longitudinaes, truncaram as columnas a elles adossadas (Id.), obstruindo tambem os falsos arcos inseridos nos intervallos inferiores que as mencionadas columnas dividiam e em tudo eguaes aos que se encontram na secção superior (Id.) (1); o tecto da nave, que era de madeira, em duas vertentes, foi todo estucado, formando especies de lunêtas na direcção das altas frestas, e o mesmo se dá com a linda rosacea por cima do arco triumphal, que, por estar muito no alto, ainda bem! conserva os primitivos vidros, de esplendidas côres. Estas são as principaes adulterações; todavia, outras ha que, se bem de menor importancia, contribuem, no seu conjuncto, para tirar a esta bella egreja aquelle ar de veneravel respeitabilidade, solemne e graciosa ao mesmo tempo. Taes como: — Vedando por um annexo de sacristia a vista exterior do famoso portico do norte; tapando de cantaria a primeira porta da fachada sul; destruindo o tympano da segunda portada do mesmo lado para o converter n'um vitral incolor do seculo XVIII; recobrimdo de camadas de cal, sobre que ostentaram duvidosa pintura, a abobada de canhão da capella-mór, muito provavelmente para haver *solidariedade* com a sorte mofina das paredes, que desapiedadamente foram escaioladas, e a primor! (á abobada da abside, que é em concha ou quarto de esphera, valeu-lhe o ficar escondida); em alguns pontos, são palpaveis os vestigios da terrivel vassoura d'arame, quando applicada sem cuidado, só com o fim de parecer novo, etc.

E' tempo de occultar mais desastres, pois ha-os, infelizmente, para analysarmos o frontispicio (fig. 3). Singelo, mas elegante, elle apresenta dois corpos principaes: — um portico e uma rosacea. O primeiro é formado por arcos quebrados, ou de ponto subido, boleados de toros e em planos successivos e concentricos, apoiados sobre columnellos, dos quaes os dois primeiros são de fuste levemente ornatado e de secção polygonal, com capiteis e bases ty-

capella-mór 8^m,80; na largura da nave 7^m,50; id. da capella-mór 3^m,30; na altura da nave 11^m,60; id. da capella-mór 9^m,40.

Quem não estiver de sobreaviso recebe, ao penetrar n'esta egreja, uma impressão desagradavel, em virtude da infeliz exhibição de ignobeis restauros, que por demais a adulteram: — A maravilhosa abside (fig. 2) está, como se disse, completamente escondida por detraz d'um retabulo banal, para cuja collocação um encarregado de *genio* mandou destruir (não fez isso por menos) os arcos falsos mais proximos, bem como as columnas e capiteis correspondentes (não fossem, na sombra, opprimir o apilarado retabulo); no interior da mesma abside, ha ainda outras mutilações, julgadas indispensaveis para fixar os caibros que sustentam a tribuna; na capella-mór, a partir do friso que divide os

(1) D'estes, o primeiro do lado da Epistola está convertido em janella.

A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA

picas; no tympano, ostenta-se o *Agnus* nimbado supportando a cruz (1) (Id.). A rosacea, de forma radiante e de avantajado ambito, produz um bellissimo effeito, tornando-se bem manifesta a transição para o estylo ogival, sobretudo pela terminação lobular dos raios. Deixemos a moderna torre dos sinos, totalmente incompativel com a vetustez do templo, pois ainda ha bem poucos annos veiu substituir o velho torreão que perto d'elle se levantava, para fixarmos a attenção nas arcaturas que superiormente sustentam o resalto da cornija que circuita toda a igreja (fig. 3 e 4). E este systema denuncia a influencia da escola *lombarda*, que, juntamente com as francezas e as correntes byzantinas, se estabelecera na Peninsula Hispanica. Na abside, estas arcaturas, que offerecem um perfil admiravelmente correcto, são adornadas de esferas no chanfro superior (fig. 5), apoiando-se de espaço a espaço nos bellos capiteis das columnas de reforço adossadas ao muro circular, em cujos intervallos se rasgam as tres graciosas janellas absidaes. D'esta bem estudada disposição resulta um todo harmonico, raras vezes excedido.

Se estabelecermos preferencias entre as duas portadas que se correspondem: — a do norte e sul —, o embaraço é manifesto, pois ambas são esbeltas e muito parecidas (fig. 6 e 7). Formadas por arcos em ogiva, quasi equilateros, em planos successivos e apoiados em columnas de notavel elegancia, cujos capiteis e bases, na do sul, principalmente, mostram o aprimorado gosto do desconhecido artista que os gestou, estes porticos dir-se-hiam ogivae, se não fosse a sua ornamentação, toda romanica.

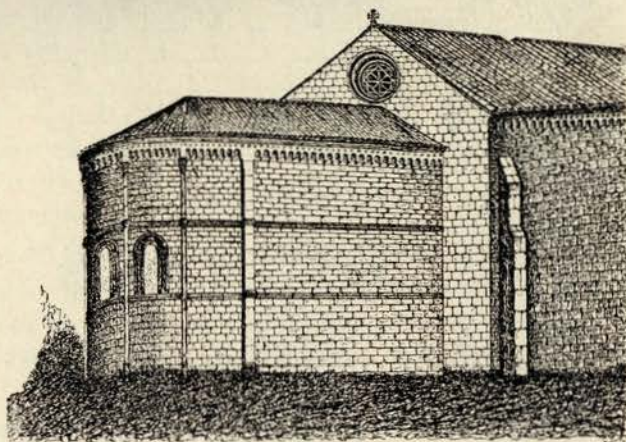


FIG. 4 — O EXTERIOR DA ABSIDE

Depois de repararmos na imposta corrida, que segue a meia altura do corpo principal do edificio, e nas misulas em forma de modilhões, pouco abaixo integradas (fig. 3), que denotam a existencia da alpendrada ou *galilé*, que servia de cemiterio, entremos de novo na igreja, e, uma vez ahi, removendo com a vista o retabulo que esconde a soberba terminação da capella-mór, detenhamo-nos amorosamente na deliciosa contemplação do maravilhoso effeito da harmonia, riqueza e sabia disposição d'essa abside que nos prende, que nos encanta. E o enleio será maior, quando, na imaginação (e porque não na realidade?), reconstituirmos as vitragens das suas graciosas janellas, atravez das quaes virá coar-se a luz discreta de chammas coloridas, incidindo sobre o isolado altar, principal motivo e centro convergente de toda a idéa constructora d'um templo dedicado á Divindade. E então este, que symbolisa a Soberana Belleza, será reverentemente beijado, em signal de vassallagem, por aquellas centelhas em brasa, desprendidas do fundo da abside.

(1) Este symbolo, que é do Salvador, é thema quasi obrigatorio na maior parte das igrejas romanicas.

A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA

O attento observador, n'uma vista retrospectiva da igreja de Font'Arcada, reconhece desde logo a sua technica excellente; d'ella não se pode dizer que o desenho é incorrecto e o modulo não seja uma realidade; e se, por vezes, algo de timidez se divisa nos motivos

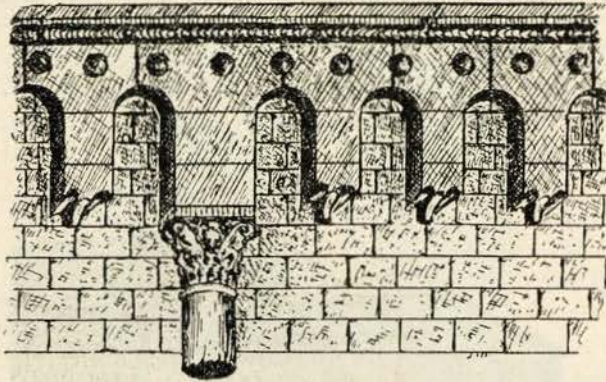


FIG. 5 — ARCATURAS E FRISO DA ABSIDE

primeira archivolta do portico principal (fig. 3); o cuidadoso aprumo das respectivas esferas, que adornam os arcos na face e intradorso, assim como os frisos das cornijas; as graciosas estrellas relevadas dos ábacos; os galões perlados e entrançados, etc. E tudo isto com a reflectida sobriedade de quem estabelece um perfeito equilibrio entre a demasia e a pobreza.

Considerada sob o ponto de vista symbolico-escultural, esta igreja offerece um campo bastante restricto. Alem do *Agnus*, de minguado relevo, cercado de folhagem, pouco mais do que gravados, sobre o dintel da portada principal, perfigurando o Salvador e a cruz de Malta, aureolada por dentes de serra, dispostos em circulo, recebendo o preito de submissão do Universo, representado pelo sol e a lua, inscriptos no tympano da primeira porta da fachada meridional, alludindo aos dois eclipses por occasião da morte de Jesus. O resto contem parcas allegorias, disseminadas em alguns capiteis, taes como: — aves carnivoras devorando um animal, estendido de cabeça para baixo ao longo dos angulos, parecendo uma adaptação mythologica a um ensinamento moral; em posição semelhante, duas pombas que se repastam n'um fructo de graminea, alludindo ás virtudes christãs alimentando-se do pão que dá a vida, a Eucharistia; rodeando o tambor d'outro capitel, apóstolos ou bispos segurando recurvados bastões, na sua qualidade de pastores do rebanho de Jesus Christo; por ultimo, entre a folhagem d'um outro capitel, quatro cabeças personificando as estações do anno, que são figuras da resurreição. Os outros capiteis, ornados sómente de aves ou quadrupedes (1), é muito provavel não condensarem intuitos symbolicos.

Na arte christã, não falta quem pretenda encontrar o symbolismo, até nos mais minu-

(1) Um d'estes está graciosamente enquadado no plinto da base correspondente a uma columna do segundo portico meridional (fig. 12).

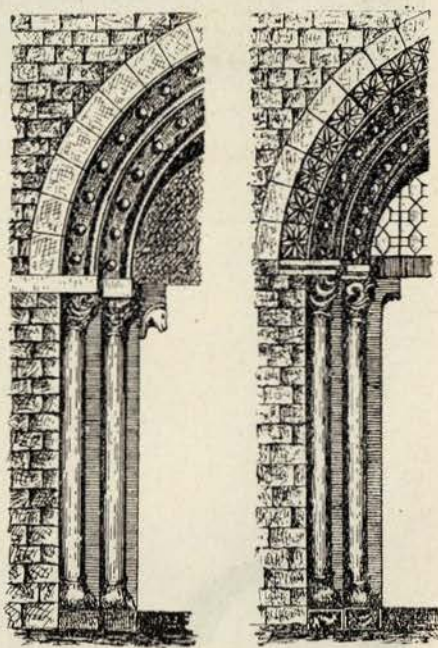
A EGREJA ROMANICA DE FONT'ARCADA

ciosos detalhes, havendo igualmente quem o conceda sómente quando elle se manifeste na sua mais clara evidencia; como se as representações iconographicas devessem estar á mercê do apaixonado sabor d'uns e outros, o que não pode ser.

E porque não havemos de dizel-o? A exagerada interpretação á letra d'aquelle axioma — o symbolismo domina na arte christã — levou alguns a concluir que, ahi, tudo é symbolico, e, para o descobrir, chegaram a empregar subtilezas verdadeiramente infantis. Todavia, menores não teem sido as inventadas pelos que, dizendo-se pertencer á phalange dos neo-criticos, a que se poderia chamar *modernista*, se esforçam em relegar para um plano de menos valor a symbolica, que parece incommodal-os tanto. Não se lembram elles de que muitos dos themas rebuscados do paganismos foram pelos artistas christãos adaptados ao ensinamento de verdades e conceitos da moral christã, recebendo uma interpretação nova, sem que, por vezes, as imagens soffressem modificações. É assim que o Orpheu pagão conserva a sua attitude e os seus attributos, mas, em logar de representar o cantor da Thracia domando com o poder da sua voz os animaes ferozes, representa Christo domando as almas rebeldes com o poder da sua palavra divina (1); o mytho de Eros e Psyche, áparte o que tem de sensual, perde o seu caracter mythologico, para dar logar a um pensamento casto, de puro e delicado mysticismo; o mesmo se dá com os genios funebres, os amores ceifadores e vindimadores, cujas attribuições, mesmo na arte pagã, eram convençionaes (2), sobretudo a scena da vindima, cujo aspecto, exclusivamente pittoresco, com a colheita da uva e o seu esmagamento sob o peso do lagar, tambem se prestava a inexgotaveis allegorias christãs; figuras da resurreição eram os bustos, cabeças e genios (3) de que os artistas christãos e do paganismo faziam uso na personificação das estações do anno; e quantas outras!

«Um symbolo, diz excellentemente D. Kaufman, pode, no decorrer dos tempos, usar-se, perder o seu valor ou reduzir-se a um signal sem comprehensão; mas, originariamente, elle desenvolvia uma idéa, era o hieroglypho d'um pensamento.» Ora, o facto da não comprehensão d'aquelle hieroglypho, cuja traducção a noite dos tempos envolveu nas trevas, não importá a não existencia d'este pensamento. Negal-o, seria temerario arbitrio; estudal-o, é um dever.

Braga, 27 de Março de 1917.



FIGS. 6 E 7 — DETALHES DA PORTADA DA FACHADA DO NORTE, E DA SEGUNDA PORTADA DA FACHADA DO SUL

P. MANUEL d'AGUIAR BARREIROS.

(1) Dom. Leclercq, «Arch. Chret.», tom. II.

(2) C. Auber, «Hist. et Theor. du Symb. Relig.», tom. III-IV.

(3) C. Auber, ob. cit.

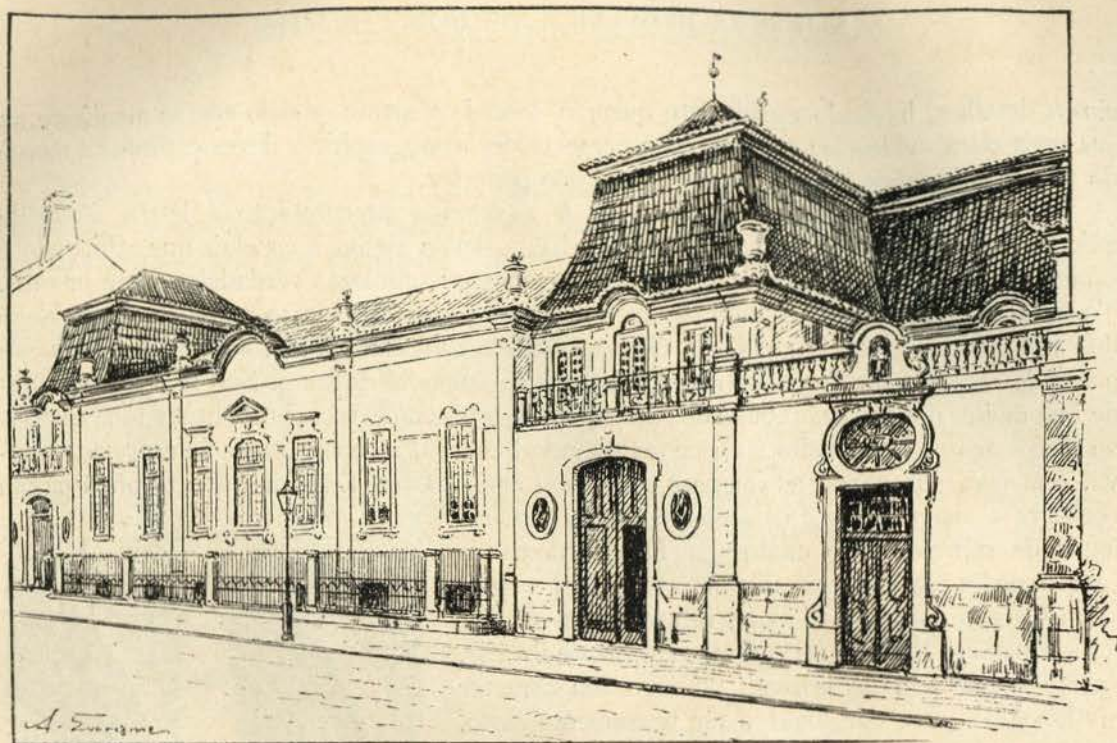


FIG. I — VISTA DA FACHADA SOBRE A RUA DA JUNQUEIRA

CASAS DE PORTUGAL

II

CASA DOS VISCONDES DO MARCO



projecto, bem entendido e melhormente executado, da construção da velha Lisboa e suas vizinhanças e, sobretudo, do que se edificou do século XVI em diante, revela, pelo que ainda resta, pelo que o terremoto poupou e os vandalismos não têm deitado abaixo, como que por favor, ou estragado com impertinentes concertos e restaurações — que os homens que o conceberam eram bem mais atilados, e possuíam mais apurado gosto, do que muitos daquelles que lhes succederam.

Nesse projecto, dava-se á cidade o maior esplendor onde esse esplendor melhor cabia, ligando á parte util os muitos lados agradáveis, que ella offerecia aos seus habitantes e aos que a namorassem do formosissimo Tejo!

Toda a edificação marginal corria para os dois lados oppostos, nascente e poente, da entrada de Lisboa, o terreiro onde foi o paço da Ribeira, onde formavam as paradas, onde se luziam as donas de qualidade, onde esperavam ordens os creados da tábua, onde se



CASA DOS PATUDOS — «A VISÃO DE S. PAULO» DE DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

CASAS DE PORTUGAL

matavam toiros a rojão e onde Machado de Castro deixou a sua maior e mais bella obra esculptural, a estatua equestre de D. José I (1), a praça actualmente do Comercio, vulgo Terreiro do Paço, evocação tradicional da sua primitiva designação. Praça extraordinaria pela sua vastidão e pelas acertadas proporções da sua architectura; atrio nobre da cidade de Lisboa, opulentado pela grandiosidade do seu arco triumphal e pelo monumento a que acabo de alludir; lição de espantosa actividade e acendrado patriotismo, que nos deixaram o omnipotente Marquês de Pombal e os seus collaboradores e que não é observada como deveria sê-lo; praça de grande nomeada, da qual se ufanariam quasi todas as capitaes do mundo, se a tivessem como sua, e que é, para todos os portuguezes, a synthetica representação de um enorme esforço, tão enorme, que a sua festiva inauguração fez esquecer a horriovel catastrophe de 1755.

Essa praça, orgulho cittadino, tem sido desrespeitada, tirando-se-lhe as columnas do solido caes, que as aguas do Tejo quotidianamente lavam, e pondo lá uma estação de vapores, que, de

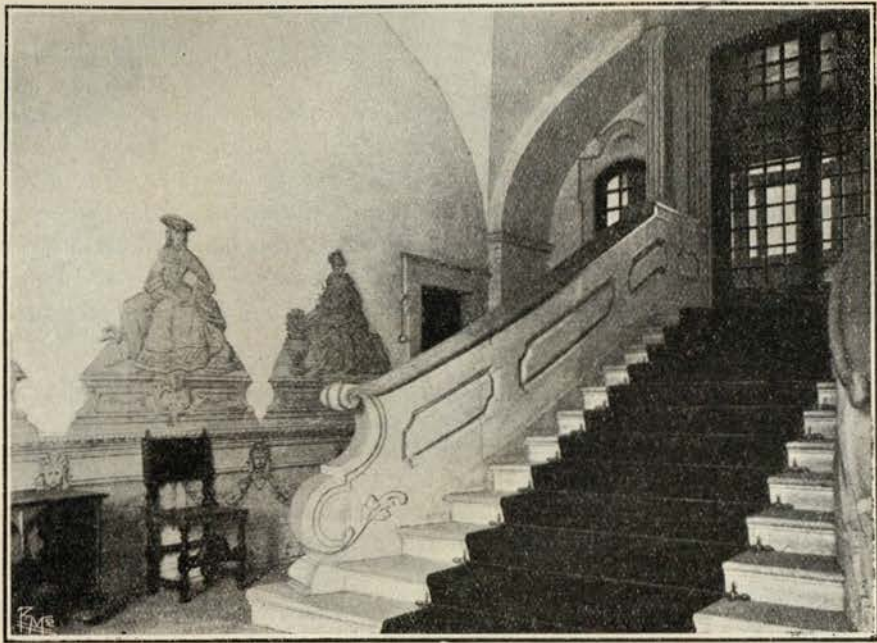


FIG. 2 — ESCADA PRINCIPAL

perto ou de longe, mancha a base do torreão do lado da *Ribeira*, — estação provisoria, é certo, mas que já conta largos annos e promete eternizar-se, porque, em geral, as coisas más duram demasiado. . . Alem destes vergonhosos desacatos, a magnifica praça ostenta, entre outros, o do arco triumphal, porta nobre da cidade, em que avultam, alem das estatuas allegoricas da *Gloria*, do *Genio* e do *Valor*, as figuras de Vasco da Gama, Viriato, Nun'Alvares e Pombal, que o Tejo e o Douro ladeam; monumento que, segundo nelle se lê, foi consagrado pelo povo portuguez «às virtudes dos seus maiores, para que de todos sejam conhecidas» — estar servindo de *peanha* aos postes de fios electricos e telephonicos, tomando dêsse modo um ar de funcionario das respectivas companhias. . .

(1) Fundida de um jacto pelo brigadeiro Bartholomeu da Costa, facto sem precedentes na historia das grandes fundições.

CASAS DE PORTUGAL

Mas, como vinha dizendo, assim se exhibiam as casas independentes, dos nobres e da gente de fortuna, assim se engrandeceu a cidade até ao fim do seculo xviii, dando a nota da magnificencia que uma capital «á beira do mar plantada» deve offerecer aos que a visitam, entrando pelo espelhado Tejo, onde ella, sorridente e cheia de luz, tão fundo se projecta.

E' de uma dessas casas, que engrandeciam, e, em parte, ainda engrandecem, Lisboa, casa que eu namorava ha muitos annos e para a qual chamava frequentemente a attenção de muitos dos meus amigos, casa onde eu vi estabelecidas uma esquadra de policia e uma fabrica de sapatos de ourelo, casa onde entrei, ha poucos meses, triste, doente, por assistir ao deitar abaixo de tantas coisas de igual valor, mas donde sahi alegre e feliz, por ver que ainda ha quem saiba protestar contra essa ordem de ideias, — que vou dar alguma noticia:

E' na Junqueira, situada entre as balaustradas, arvoredos e flores do seu proprio jardim e o Tejo, — esse Tejo em cujas aguas, ao tempo da edificação, eram vulgares as multetas de alvejantes muletins, que, cheias de brisa, marcavam seus bordos, cruzando com as galés, galeotas e almadias de remada forte e certa á distancia, com a falua e outros barcos d'agua acima, entre o litoral da cidade e a accidentada margem esquerda, da sobranceira Palmella á vizinha Almada e d'ahi á Trafaria; esse Tejo que tem, por signal, no surtidouro do Restello, o padrão commemorativo das maiores ousadias maritimas praticadas pelos portuguezes da Renascença, para darem ao mundo, nesse momento extraordinario, actividade, bravura e arte, padrão a que deveriamos chamar Torre-menina

E chamar-lhe Menina,
Pelo nome ser lindo
E a Torre pequenina.

.....

Como diziamos, fica a fachada da linda casa entre coisas de attractivo e defronta-se com a baixa e caracteristica *Cordoaria*, que, pelo que vejo, está, infelizmente, a mudar de parecer . . .

Quís a sorte que não acontecesse o mesmo a essa deliciosa casa, pois que nem a policia civil, nem os sapateiros, deram cabo do que alli havia, e ha, bom e summamente artistico. E' certo que os azulejos que revestem internamente as paredes, nessas phases de perigoso desleixo, estavam cobertos de papel e os ricos marmores dos alisares revestidos de madeira pintada, — quem sabe se a fingir pedra . . .

A casa pertenceu ao Conde de Castro, habitando-a o fidalgo, de preferencia, no verão. Hoje, pertence ao Sr. Visconde do Marco, engenheiro distincto, que levou para ella a educação e o bom gosto necessarios para se lhe dever o resurgimento dessa joia da arte architectonica. Foi este senhor, com o seu grande amor pelas coisas portuguezas, que descobriu os azulejos e os marmores, que os mandou reparar e completar com acertado criterio, que deixou as salas, que o requeriam, com as paredes a cal branca, ou que as forrou de damasco de seda português, contornando os perfis recortados das sobre-portas e das cabeceiras dos silhares de azulejos, que alli parecem estar em festa!

A frontaria é composta de quatro corpos — correnteza de motivos do seculo xviii. Demonstra immediatamente quanto era talentoso o seu delineador, quanto nelle era perfeita a noção das coisas do país, o conhecimento do local para onde traçava o seu projecto.



CASA DOS VISCONDES DO MARCO, NA JUNQUEIRA — SALA DE JANTAR

CASAS DE PORTUGAL

Como esse artista conhecia a intensidade do sol português, como sabia avaliar a côr da nossa paisagem e tirar partido de todos esses primordiaes factores; como tinha a justa medida dos effeitos, no que toca aos corridos perfis das molduras e cimalthas, que se admiram em todo o exterior do edificio!

As expressivas curvas da cobertura, de duas secções, habilmente construida e telhada á mourisca, terminam por beiraeas elegantissimos, que deitam sobre a estrada e sobre o lindo terraço, construido de argamassa sobre o tecto abobadado da capella, com seu parapeito de balaustres, a meia distancia interrompido pelo bem talhado campanario.

Para concluir, quanto á parte que se exhibe aos transeuntes, direi que o numero de portas e janellas, que servem e dão claridade á esplendida moradia, são, nem mais, nem menos, do que aquellas que deve ter.

No patim, baixo e amplo, da escada principal — no vestibulo — sente-se, mal o pisamos, um duplo prazer, que nos deixa indecisos, sem saber se deveremos examinar detalhadamente toda a sua nobre e rica decoração, ou subir ligeiramente, pelo que essa escada inculca de bello e bem comprehendido, transpostos os poucos degraus.

Nessa passagem, que dá accessio á intimidade do edificio, está um perfeito trecho de architectura. E, comtudo, na maior parte das vezes, o constructor fraqueja nessa peça, não



FIG. 3 — SALA DE MUSICA



FIG. 4 — AZULEJOS NA CAPELA

conseguindo dar-lhe as devidas proporções, a necessaria elegancia. A disposição estrutural do pequeno palacio está alli visivelmente indicada, pela firmeza das linhas geraes.

O piso, de marmores nossos (de Porto Salvo?), em xadrez, põe ao facto da magnifica solidez da construcção. Em volta, um silhar de azulejos, a azul, de desenho almofadado, de grinaldas pendentes, de mascaras e rosetas, a leves tintas roxas, sustenta, tambem de azulejos, doze figuras, — damas sentadas, dispostas em linha, como num mercado, com trajos cheios de character, usados no seculo XVIII. Representam estas figuras, com ar de gente illustre e bem criada, os doze meses do anno, com os correspondentes dísticos. Todas de perfil recortado, tem este precioso calendario como fundo a alvura da parede, que sobe até á abobada de arestas, donde pende um lampeão, como os que illuminavam a antiga Lisboa. A mobilia, sobria, resume-se em duas compridas arcas com ferros forjados, de bom gosto, tamboretos de sola com lavores, e um bufete, — tudo recheio velho, como que o da velha casa que o ostenta.

O pequeno lanço (nada de menos hostile), cujos maineis abrem aos primeiros degraus, como que convidando a subir, é todo de marmore *bastardo*, do concelho de Oeiras. Topa, ao cimo, com uma larga porta de vidraças, ladeada por duas janellitas rasgadas ao alto, envidraçadas tambem, para darem ao vestibulo a luz fornecida pelas largas janellas que lhes ficam fronteiras e que dão sobre o jardim.

Esta sossegada e diffusa claridade é augmentada, no recinto, pela que dão as aberturas ovaes, cortadas na parede e gradeadas com arte, que ladeam o portão da entrada.

CASAS DE PORTUGAL

Assim, uma luz agradável vem mostrar aos que entram a particular belleza das linhas geraes e do detalhe, que, como disse, dispõe bem á primeira observação.

Começa então a exhibição das salas.

Primeiramente, a de entrada, com azulejos a azul, num baixo alisar, e outros sobre as janellitas a que acabo de alludir, de motivos campestres e de recorte elegante. Logo, moveis portuguezes, com bellas faianças *ratinhas* sobre os tampos, guarnecem essa, a um tempo, casa de entrada e de passagem, que, pela porta que nos fica á esquerda, dá ingresso a uma pequena sala, requintadamente mobilada com coisas nossas, de setecentos. Aqui, tambem os azulejos não faltam a acompanhar a harmonia da decoração.

E todo este bello caminho, raro exemplo de bom gosto, que dá felicidade, porque tudo lhe é proprio e está nos seus logares, leva os que alli entram ao salão de musica — o mais sumptuoso da encantadora vivenda.

E' estranha a impressão que se experimenta ao transpôr a entrada dêsse salão, cuja altura está perfeitamente indicada pelo seu comprimento e pela sua largura. Tudo é grande, e, no entanto, tudo se observa dentro de proporções racionaes.

Aqui, os azulejos, como os que já havíamos topado, mais modestamente, noutra divisão, sobem acima do esvelto silhar e vão — como succede no terraço grande de S. Vicente de Fóra e nas cellas do Grillo — dar sobre as portas uma nota decorativa, luxuriante. Dentro de emmolduramentos de perfil recortado, a que o damasco de seda dos teares do Rato (1) mostra melhor a fórma, brincam meninos, pintados nos ladrilhos á maneira de Watteau. Dêste modo, a brilhar graciosamente sob o esmalte estanifero do azulejo, contrastam com os episodios musicos e os galanteios de donas, que o pintor agrupou em baixo, no silhar, sob o esmalte brilhante dos ladrilhos.

Nos tópos, parte reentrantes, parte fóra do plano dos muros, defrontam-se uma chaminé e uma fonte, peças de prestimo e, ao mesmo tempo, ricas e sumptuosas, de marmores portuguezes.

Sobre o damasco vermelho, alcaçofrado, molduras douradas suspendem do alto, por meio de cordões em linhas pyramidaes, retratos a oleo, da escola franceza, delicados e vivos de colorido; e, pendente do tecto, um lustre de vidro, typo de Murano, quem sabe se de alguma das nossas fabricas do tempo do Senhor D. João V, rebrilha, a essa hora, de tons verdes, que as vidraças deixam passar, vindos do jardim.

E na occasião em que gratamente admirava a obra delicada e competente de que me via cercado — por entre os moveis artisticos, ao preceito da sala, obras dos marceneiros e entalhadores da escola de Mafra, lindas crianças, cheias de frescura, olhavam-me, curiosas, — admiradas, talvez, de me verem tão admirador. Que julgariam de mim? Não sei. O que sei, é que as olhei com respeito, visto estarem tão á vòntade, sabendo-lhes tocar, ao pé de coisas frageis, que, por cima de uma que outra peça do mobiliario, se contavam, taes como faianças e porcelanas, bellas e raras, de tempos idos.

Parallela a esta sala, outra se prolonga, com as janellas ao sul.

Ahi, são os bronzes cinzelados e dourados a fogo, duma minuncia delicadissima, que

(1) Em 1742, quando a fabrica do Rato produzia damascos de seda com este typo, havia alli, empregados nesta manufactura, 98 operarios.



FIG. 5 — BIBLIOTECA

moldura do que deixo apontado. E' o meio sumptuoso e confortavel dos *interiores* dos primeiros vinte e cinco annos do seculo passado, que, como em França, a escolhida sociedade portugueza soube alimentar, e que, nas Larangeiras e no Farrobo (1), perdurou luzidamente, até 1850.

Nas duas cabeceiras desta sala de estar, ficam o escriptorio e uma salinha decorada nesse estylo composto de delicadissimos motivos, em que a folha da salsa estylizada está

(1) Destas duas notaveis residencias e da vida do seu proprietario, o Conde do Farrobo, brevemente me occuparei.

sobresaem das madeiras enraizadas e polidas do mobiliario. Uma pequena Roma de grandezas e conforto. E' alli o meio de todos os dias, onde se está de preferencia.

A mais dêsse bronzes applicados, outros sobre os marmores pretos e azues de Sintra, nos candelabros e estatuetas, marcando inequivocamente o Imperio, mas ainda com o sabor das esculpturinhas de Clodion, dos ultimos tempos do seculo XVIII.

Escusado será dizer, em detalhada descripção, do valor artistico das commo- das, das marquesas, das cadeiras, dos tremós, duma escrivani- nha, dum aquario, dos espelhos, das placas, de tudo, emfim, que está sob o tecto e entre as paredes, cujas decorações dão, no conjunto, a caracteristica e adequada

CASAS DE PORTUGAL

tão largamente exhibida; estylo, que, em França, se chama Luiz XVI e, em Portugal, com a sua gamma especial, deveremos chamar D. José I ou D. Maria I (1).

Ahi, como no Petit Trianon, ou em Queluz (2), nas poucas peças de mobiliario e nas paredes, dominam os tons claros e o ouro sêcco, a fundirem-se, quasi, no branco do marfim velho e limpo. O ornamento levantado nas madeiras pelos nossos entalhadores é tão finamente acabado, como o das peças de prata dos nossos ourives dessa época e posteriores.

Andando em direcção ao poente, encontra-se a bibliotheca, installada a toda altura de um dos corpos architectonicos mais em evidencia da fachada, igual ao do nascente, onde está a bella entrada, que se não olvida. As estantes são todas a branco e ouro e collocadas, em dois pavimentos, de encontro ás paredes, a branco. E' grande, como devem ser as bibliothecas em casas solarengas do seculo XVIII. O effeito scenico que nella imprime a grande escada, que nos leva do corpo baixo á galeria superior, é soberbo. Construida modernamente sob o risco do fallecido architecto Bigaglia, no bello estylo do seculo XVIII, a sua ornamentação, em que avulta a madeira esculpida, foi inspirada em coisas identicas, originaes portuguezas, do tempo do *amorudo* e *magnanimo* D. João V.

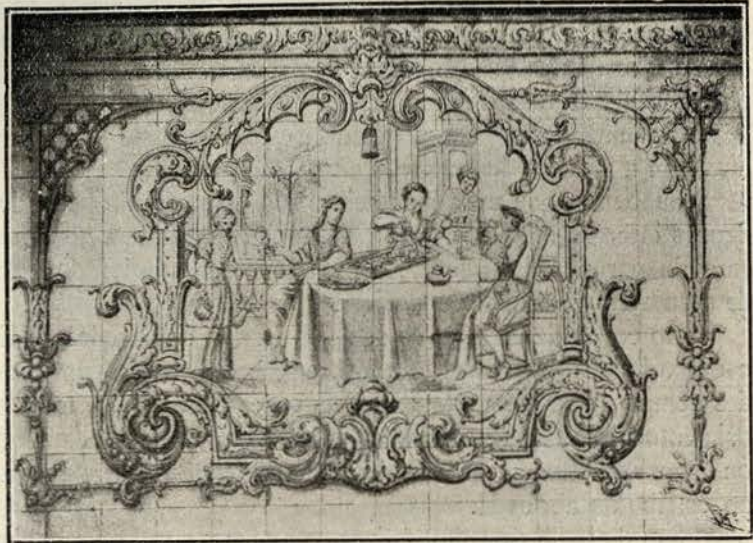


FIG. 6 — AZULEJO DA CASA DE JANTAR

Um dêsses motivos, repetidamente collocado entre o parapeito da galeria e o tecto, é ao geito de *gaine* e muito rico de ornamentação. O tecto, de que fallo, é em fôrma de tumba, dividido em molduramentos rectangulares.

Para o jardim, que, como disse, fica ao norte, dá a casa de jantar, contigua, se bem me recordo, á sala de musica, e, como esta, alta e ampla. O mobiliario é portuguez. As arcas e os armarios cheiram a frescas viandas e são, como as cadeiras, de madeiras de preço, vindas de fóra (3), moveis manufacturados pelos artifices da especialidade ahi pelos ultimos annos do seculo XVII e depois.

Por cima dessas arcas, primitivos aparadores, das corridas prateleiras apoiadas em modilhões e sobre o altar da mesa, alvejam os pratos, o fresco linho, daquelle linho que

(1) Em Portugal os estylos correspondentes aos franceses, desde Luis XIII até ao principio do seculo passado, accentuam-se mais tarde.

(2) Depois da modificação feita por D. Maria I.

(3) Chamava-se *madeiras de fóra* ás que traziamos das nossas possessões ultramarinas.

CASAS DE PORTUGAL

as nossas avós teciam, de qualidade meã, á mourisca, e pratas reluzentes de doces reverberações polychromas.

No seu espelhado esmalte, dão conta, os azulejos do silhar, das flores que guarnece a mesa, num centro e em decorativas jarras, dos vinhos e licores que os cristaes lapidados e limpídos contêm, do tom vermelho-opaco dos barros de Extremoz e da infinita variedade de verdes que as plantas do jardim fornecem, tocadas de sol e oscillantes á aragem que, por vezes, corre de Monsanto.

E toda esta scena de variadissimos tons, que, a um tempo, as superficies brilhantes dão com prodigalidade, é meigamente attenuada pela meia tinta que desce das escuras madeiras da cobertura e do branco das paredes, a cal. E, assim, os azulejos, do mesmo modo que concorrem para a festa, participam della. São os seus assumptos adequados. Dum lado, uma dona serve delicadamente o chá aos seus convivas; do outro, pastores ordenham cabras, entre mais episodios da vida rustica e da vida domestica.

Terminando pelos azulejos da capella, termino por uma das obras artisticas que mais illustram a casa da Junqueira.

Suppondo que entramos pela porta principal do pequeno santuario, recebem-nos duas figuras interessantissimas, pelo papel que representam no Novo Testamento. Estão na espessura da parede: á esquerda, S. Nicodemos; á direita, José de Arimathéa, o rico habitante de Jerusalem, discipulo de Christo.

No corpo da capella, os azulejos forram as paredes de lés a lés, representando, de um e outro lado, o mesmo grande assumpto: «Christo a caminho do Calvario», em duas grandes composições, correspondentes ás paredes lateraes e medindo de altura 3^m,36 e de comprimento cêrca de 9^m,0. Somam os azulejos, primorosamente pintados, dois mil, pouco mais ou menos, mettendo em conta os que ladeiam o guarda-vento e que vão desde o piso até ao estribo da abobada.

São de bello desenho, felizes os aggrupamentos, o movimento das personagens perfeito, bem achadas as proporções, bem conduzida a scena, em todos os seus pormenores. A parte inferior dêsse alto revestimento ceramico, um fraldelim, é tambem esplendida e de grande poder decorativo. Compõe-se de grupos de meninos, que, habilmente manchados e collocados em graciosas posições, seguram os attributos da Paixão do Redemptor.

No seguimento dêsse lindo fraldelim e noutras divisões, os motivos escolhidos — flores e outros, muito variados — foram aggrupados com verdadeira arte e pintados com muito saber e galanteria.

Além destas optimas qualidades, em toda a capella a còr do azulejo (o azul) conserva a mesma intensidade de tons, como conserva o equilibrio perspectico, de maneira superior. E' uma esplendida obra de azulejos, em toda a accepção da palavra!

E aqui está como o meio influe, não só na disposição do espirito, mas até na saude, porque, como disse, entrei doente na casa da Junqueira e sahi de lá curado. Se faz mal á saude assistir aos brutaes e premeditados vandalismos contra a boa architectura, contra as coisas de Arte, que são aquellas que mais illustram e ennobrecem um povo e que nem aos selvagens é permittido desacatar, faz bem presenciar o culto fervoroso das coisas bellas.

JOSÉ QUEIROZ.

UMA MEDALHA PORTUGUEZA



OM o interesse de sempre, por tudo que, de qualquer modo, se relacione com o nosso paiz, temos procurado haver noticia de uma medalha de assumpto portuguez, muito interessante sob os pontos de vista historico e artistico, que, pela sua belleza, se distingue entre muitas outras, destinadas, como esta, a perpetuar acontecimentos importantes da vida dos povos.

Esta medalha, de que possuímos um exemplar, pela sua perfeição evidentemente cunhada no estrangeiro, talvez em Roma, e commemorativa do acto da canonisação da que havia sido Rainha de Portugal e esposa do Rei D. Diniz, é muito rara, a ponto de difficilmente se encontrar nos museus e limitadissimo numero de particulares a ostentarem nas suas collecções.

O motivo d'essa raridade explica-se, talvez, pelo reduzido numero de exemplares que n'aquelle tempo se cunharam, destinados, naturalmente, a pessoas de elevada gerarchia; mas, se achamos razão, mais ou menos plausivel, para justificar a raridade, não acontece outro tanto com relação ao silencio que os escriptores nacionaes e estrangeiros, antigos e modernos, ao tratarem da vida da Santa Rainha e da sciencia da numismatica, guardam ácerca de uma medalha que não podia passar-lhes despercebida e da qual não deviam ignorar a existencia, porque as festas da cerimonia da canonisação d'esta Santa portugueza foram das mais pomposas e brilhantes que em casos identicos se têm praticado, chegando, pela sumptuosidade que revestiram, a ter um echo quasi universal (1). Além d'isso, existe uma obra (2), unica de que temos conhecimento, impressa em Paris em 1858, que, ao enumerar as medalhas cunhadas no pontificado de Urbano VIII, nos dá noticia (3) de uma medalha, da qual publica o desenho (4), commemorativa d'esse historico acontecimento.

Tentar, pois, explicar a causa da sua exclusão dos trabalhos numismaticos, exceptuando a obra citada, e descobrir o motivo por que se não encontra a mais leve referencia a essa medalha nas obras relativas a Santa Isabel é tarefa, senão impossivel, pelo menos bastante difficil por agora, não só pela distancia a que estamos da epocha em que se deram os acontecimentos, como pela falta de documentos elucidativos.

(1) «Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão», pelo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, vol. II pag. 190, 194, 599 e 603.

(2) «Trésor de numismatique et de glyptique, ou recueil général de médailles, monnaies, pierres gravées, bas-reliefs, etc., tant anciens que modernes les plus intéressants sous le rapport de l'art et de l'histoire gravés par les procédés de M. Achille Collas sous la direction de M. Paul Delaroche, peintre, membre de l'Institut; de M. Henriquel Dupont, graveur; et de M. Charles Lenormant, conservateur de la Bibliothèque Impériale. Choix historiques des médailles des Papes». Paris, imprimé chez Bonaventure et Ducez, 1858. Fol., 20 vol.

(3) Pag. 30, col., 2.^a

(4) Planche XXVIII, n.^o 5.

UMA MEDALHA PORTUGUEZA

De facto, encontramos registada, na mencionada obra, uma medalha da epocha e do mesmo assumpto; mas, comparando os dois exemplares, notam-se grandes variantes, desde as dimensões até ás legendas, não restando, d'esse confronto, a menor duvida sobre a existencia de dois cunhos, perfeitamente eguaes nos bustos, mas diferentes nas inscripções, com excepção da que circunda a coroa da Rainha e que é



AS DUAS FACES DA MEDALHA

egual nos dois exemplares.

Como pode justificar-se uma duplicação de trabalho, por demais dispendioso, em que a parte principal — os bustos — não foi alterada?

Seriam destinados a metaes diversos? Mas nós apenas conhecemos a medalha de cobre.

Foi erro do desenhador, ao fazer as copias para o trabalho francez? Não nos parece provavel, porque a orthographia, e até o proprio

idioma, foram completamente alterados.

E', pois, este, outro problema de difficil solução, tanto mais que a arte da gravura é ainda hoje bastante cara, embora não tenha feito sensiveis progressos, quanto mais n'aquella epocha, em que já havia attingido um tão alto grau de perfeição.

Tudo quanto dissemos a este respeito não passa, infelizmente, do campo das hypotheses; esperamos, todavia, que outros, dispondo de elementos que nos faltam, venham esclarecer as duvidas, que deixamos expostas, ácerca de uma medalha quasi desconhecida e commemorativa de um facto glorioso, que nos enche de orgulho e aviva a nossa fé.

MARTINHO DA FONSECA.



ARQUEOLOGIA IBERICA

Excavaciones en la Cueva y Collado de los Jardines. — Memoria de los trabajos realizados en el año 1916 por los delegados-directores D. Ignacio Calvo y D. Juan Cabré (Madrid-1917): — *A Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, a que já se referiu no numero anterior o nosso distincto collaborador Dr. Mesquita de Figueiredo, acaba de publicar mais uma interessantissima memoria, de excéccional importancia para o estudo da idade do ferro iberica.

O *Collado de los Jardines* (Santa Elena-Jaen), é um logar onde existiu um santuario preistórico de grande fama, em que, durante seculos, se foram accumulando milhares de ex-votos de bronze, de madeira e de cera, levados pelos crentes. Um dia o templo ruiu. A *casa dos milagres* abateu e estes dispersaram-se e disseminaram-se pelo terreno, correndo pelas encostas com a terra e as aguas. Os de materiaes brandos volatilizaram-se; os de bronze, porem, ficaram intactos.

Seculos passados, surgem os archeologos, fazem-se excavações de acaso e metodicadas, e resuscitam as figurinhas votivas de homens, mulheres, animaes, as partes do corpo humano em miniatura — cabeças, pés, braços, dentaduras — que, piedosamente, haviam sido levados á divindade, em preito de fé e gratidão. Abre-se para a religião e arte ibericas um capitulo novo e cheio de atrátivos e ensinamentos.

Para os archeologos e etnografos espanhoes o achado de um destes depositos de figurinhas votivas, igual a outros já encontrados na Asia Menor, na Grecia e na Italia, deve ser um motivo de completa satisfação. Por isso os felicitamos, desejando que novas excavações enriqueçam ainda mais as coléções já iniciadas.

LE CHAR ET LE TRAINEAU DANS L'ART RUPESTRE D'ESTRÉMADURE

1. DALLE GRAVÉE DU MUSÉE ARCHÉOLOGIQUE DE MADRID



DEPUIS mes premières visites au Museum national d'archéologie de Madrid, qui remontent à sept ou huit ans, mon attention s'était fixée sur une grande dalle de schiste ardoisier de 1^m,20 sur 0^m,67, où s'apercevaient diverses figures incisées; je les avais examinées avec curiosité, et en avais pris un croquis assez soigné que je reproduis ici après une nouvelle vérification (Fig. 1).

L'ensemble des images dénote la signification funéraire du monument: un homme nu est étendu sur le dos, les bras parallèles au tronc, les jambes légèrement plogées sur sa droite. Divers objets l'entourent: au dessus de sa tête, une lance à fer en forme de feuille, une grande épée à longues antennes et lame pistiliforme, un objet circulaire à manche qui évoque la pensée d'un miroir métallique, un petit objet trian-

gulaire, où l'on peut aussi bien voir un casque conique qu'une plaque à broyer du fard ou une hache polie amulette. A la droite du guerrier, est placé un grand bouclier subcirculaire à bord supérieur coché; il est orné d'un cercle parallèle aux bords, et d'une série de bossettes. Son type est identique aux beaux boucliers de l'âge du bronze avancé (en cuir ou bronze), des Iles Britanniques et des deux rives de la Baltique, dont on n'a jusqu'ici trouvé aucun vestige en France ou en Espagne (1).

Le bouclier est figuré renversé, c'est-à-dire la poignée en l'air, représentée par une forte tige en I. Enfin, sous les pieds du défunt, mais un peu plus loin que dans mon dessin, se trouve une figure de char, malheureusement mutilée par la fracture de la partie terminale de la pierre. Il est certain que le sculpteur a réduit davantage la représentation du véhicule que celle des autres objets représentés.

Le char est composé d'une ligne axiale, le timon, terminée en avant par une courte traverse (le joug?)

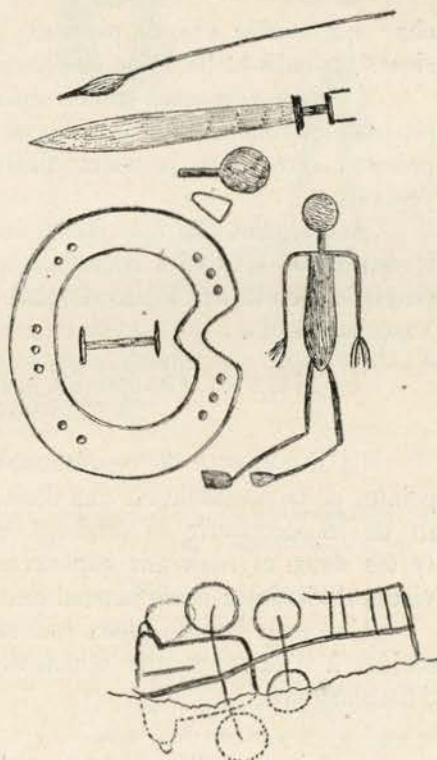


FIG. 1 — ECHELLE: ENVIRON UN DOUZIÈME

(1) Déchelette — *Manuel d'Archéologie préhistorique*, t. II, p. 439.

LE CHAR ET LE TRAINEAU

rejoignant à gauche la tête d'un animal schématisé réduit à sa plus simple expression. Les roues sont au nombre de deux paires, l'une placée entre la caisse du char et l'attelage,

l'autre un peu en avant du centre de la caisse; chaque paire de roues est dessinée par une paire de circonférences un peu espacées dont les centres sont unis par une ligne axiale. La caisse du

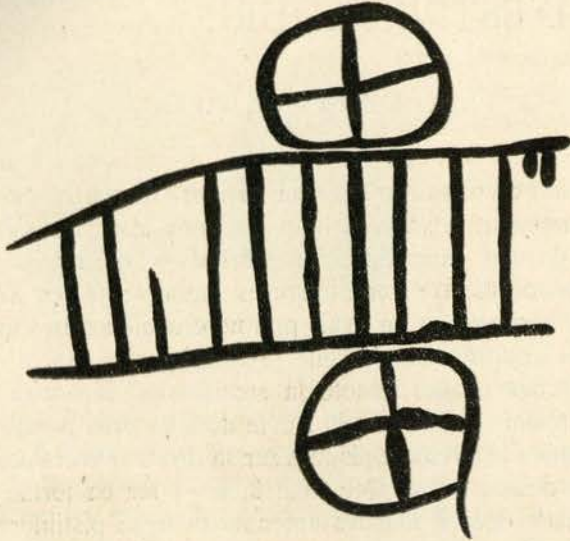


FIG. 2 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

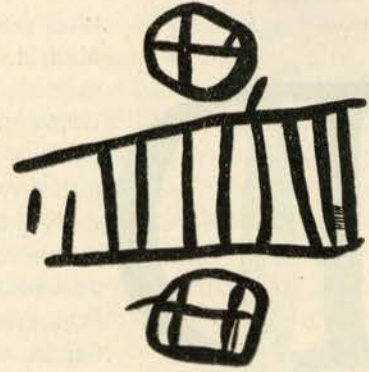


FIG. 3 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

char, qui semble vue de plan, est grossièrement rectangulaire, mais avec les angles antérieurs arrondis et les coins postérieurs occupés par une saillie conique.

L'époque de cette pierre sépulcrale est suffisamment établie par l'épée et le bouclier représentés comme étant de la fin de l'époque du Bronze; son origine géographique est moins précise: cette dalle provient d'Estrémadure; c'est tout ce que j'en sais.

Assurément elle appartient, bien que plus jeune, à la même tradition que les dalles portugaises ornées de figures d'armes en relief de Defesa (S. Tiago de Cacem), signalées par J. Leite de Vasconcelos (1).

2. CHARS ET TRAINEAUX PEINTS SUR DES ROCHES D'ESTRÉMADURE

La découverte de représentations de chars sur des roches peintes de la péninsule est une donnée tout nouvelle; j'eus le plaisir de les découvrir en étudiant, en mai 1916, des stations rupestres à peintures découvertes deux et trois ans auparavant par mon prospecteur, dans la région limite des provinces de Badajoz et de Ciudad Real, et dans cette dernière.

Une seule localité (deux roches) présente ces remarquables figures, superposées et associées à d'autres motifs semblables aux autres roches néolithiques de Sierra Morena et d'Estrémadure.

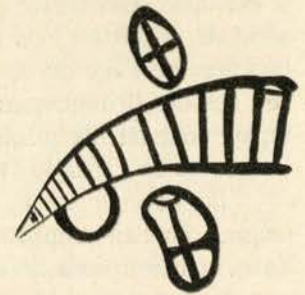


FIG. 4 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

(1) J. Leite de Vasconcelos — *Archeologo Português*, 1908.

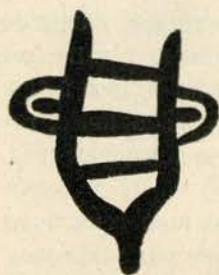


FIG. 5 — ECHELLE $\frac{1}{6}$

Huit figures sont absolument certaines, mais plusieurs autres sont susceptibles d'en être la simplification.

Cinq figurent nettement un véhicule à deux roues. La plus grande est composée d'un corps rectangulaire scaliforme (1) disposé horizontalement, intercalé entre deux roues à quatre rayons disposés en croix (Fig. 2).

Une autre, à caisson presque semblable, présente une armature intérieure des roues sensiblement différente; la roue présente un gros axe central, et des traverses secondaires en nombre variable, deux, plus une petite, incomplète, d'un côté, une et une petite incomplète et oblique, de l'autre (Fig. 3).

Une troisième a le corps également scaliforme, mais triangulaire et incurvé vers la pointe; les deux roues sont à traverse cruciforme, mais l'une de celles-ci, à un bout, s'arrête sur un petit arc de cercle à courbe opposée à celle de la roue. De plus, un arceau est placé à droite de l'avant pointu du char (Fig. 4).

Une quatrième, située sur une roche avoisinante, a le corps en forme de lyre (2) barré de trois grosses traverses, avec l'avant en forme d'ogive du x.^e siècle; les deux roues, au lieu d'être figurées indépendamment du coffre du char, lui sont accolées à la manière de deux oreilles semicirculaires avec barre centrale unique (Fig. 5).

La cinquième figure ressemble à une grosse automobile (3) vue d'en haut; le corps en est fait par un scaliforme à terminaisons arrondies, rétréci vers l'avant. Deux roues, semblables à celles du char précédent, sont placées tout à l'arrière. Vers l'avant, existent deux taches tangeantes, qui peuvent aussi bien figurer l'attelage que deux autres roues dessinées en raccourci. Un arceau surbaissé existe le long du côté gauche, vers le centre (Fig. 6 n.^o 2).

Avec doute, nous rapprochons de la série des chars à deux roues deux petites figures,

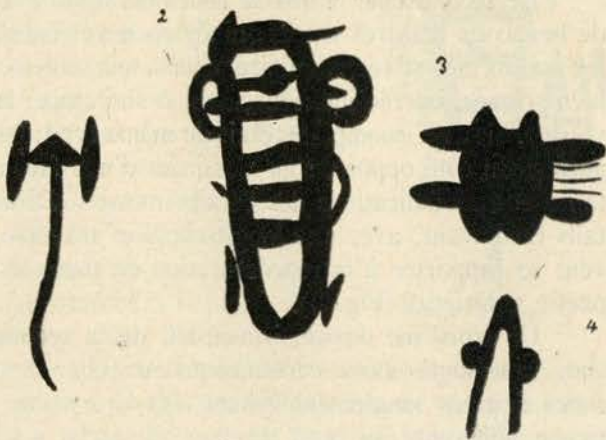


FIG. 6 (N.^{os} 1 à 4) ECHELLE $\frac{1}{6}$

(1) A comparer au corps rectangulaire de certains chars basques: cf. Aranzadi Telesforo: *El origen del carro Euscaldun*. Euskal — Erria, XXXVI, 1897, p. 506-510. Ce char présente latéralement des arceaux semblables à ceux de nos figures 4 et 6 (2).

(2) A comparer, comme forme du corps du véhicule à un char à deux roues de Ponferrada (Leon), dont mon ami Frankowski m'a communiqué le dessin.

(3) Cette façon de comprendre le dessin du char se retrouve exactement sur un dessin inédit que me communique M. Frankowski, et qu'il a obtenu d'une «muchacha» de 19 ans, de Bergama (Asturies).

T. de Aranzadi. «Archiv für Anthropologie», 1897, t. 24. St. 216. Der ackzende Wagen und andere aus Spanien. — «Hojas Selectas», t. XIII, fasc. 45, f. 705-6: traîneaux véhicules aux Philippines; il en existe également en Guipuzcoa et en Asie mineur, sans parler des pays à neige.

LE CHAR ET LE TRAINEAU

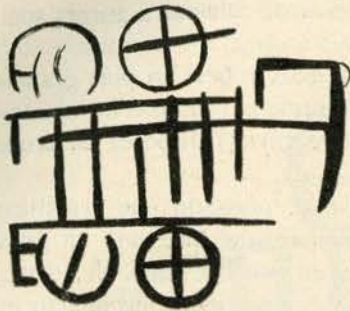


FIG. 7 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

épaisse ligne transversale, peut-être un joug (?) (Fig. 7).

Le second char à quatre roues est difficile à isoler de beaucoup d'autres tracés qui s'y enchevêtrent ; le coffre scaliforme est rectangulaire, court ; une seule roue est bien formée, barrée intérieurement d'une croix ; la roue voisine, bien qu'incomplète, était du même type ; les deux autres, du côté opposé, sont dessinées d'une façon hésitante et sans indications des détails internes. Divers détails de l'avant, avec axe longitudinal et traverse, peuvent se rapporter à la représentation du timon et de la partie antérieure (Fig. 8).

Un troisième dessin, incomplet, de la seconde roche, représente aussi certainement un char à quatre roues figurées simplement comme des U à partie supérieure adhérente au bord du char ; la tache à sommet tridenté qui le termine par en haut paraît être une représentation de personnage montant le véhicule (Fig. 9).



FIG. 9 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

Avec beaucoup d'incertitude, on peut rapprocher des représentations de char à quatre roues une grosse tache à quatre gros appendices latéraux (Fig. 6, n.º 3).

L'examen des figures de chars que nous venons de passer en revue, m'a amené à penser que plusieurs autres analogues, mais sans roues, devaient représenter aussi des véhicules du type «traineau».

Plusieurs peints sur la même roche, ont la forme en triangle à pointe un peu prolongée, et intérieur à barreaux transversaux du caisson de plusieurs chars ; d'autres, sur une roche voisine, rappellent davantage la forme quadrangulaire du corps de certains autres chars (Fig. 10).

Les deux types, triangulaires allongés ou quadrangulaires, existent sur d'autres abris peints de la même région, associés et superposés aux nombreux sujets habituels des peintures rupestres stylisées de l'Espagne centrale. Nous en donnons ici les meilleurs exemples, en faisant remarquer qu'ils passent, dans leurs formes extrêmes, à d'autres dessins rectangulaires, scaliformes et pectiformes, dont la signifi-

l'une formée d'une sorte de V à pointe arrondie, munie de deux oreilles pouvant représenter des roues. L'autre est constituée par une sorte de dessin en forme de clou à tige un peu tordue, dont la barre supérieure, triangulaire, rejoint deux taches parallèles, peut-être plus anciennes (Fig. 6, n.ºs 4 e 1).

Les chars à quatre roues sont moins nombreux, mais mélangés intimement aux figures à une seule paire de roues.

Le mieux dessiné, d'ailleurs assez déteint, est à coffre rectangulaire scaliforme, avec deux roues nettement barrées en croix ; les détails de l'autre paire sont beaucoup plus confus. Un axe interne mal centré se termine par une très

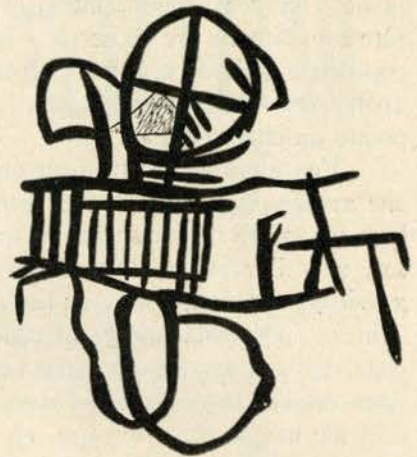


FIG. 8 — ECHELLE $\frac{1}{9}$

DANS L'ART RUPESTRE D'ESTRÉMADURE

tion est vraisemblablement différente et étrangère à l'objet que nous poursuivons aujourd'hui (Figs. 10 et 11).

3. OBSERVATIONS COMPARATIVES

J. Déchelette dans le tome I de son *Manuel*, ne fait aucune mention de véhicules de l'âge de la pierre polie autre que les pirogues; mais dans son tome II, consacré à l'âge du

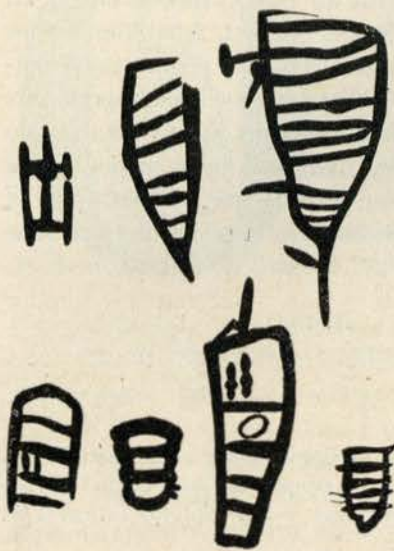


FIG. 10—ECHELLE $\frac{1}{9}$

Bronze, il figure deux roues de bois des tourbières de Mercurago, près Arona, (Lac Majeur) qu'il fait remonter au début de l'âge du Bronze (p. 289, fig. 110); l'une est d'une seule pièce, massive mais ajourée de deux vides en ∞ accolés; l'autre, beaucoup plus évoluée, est de structure légère; l'axe médian s'aminçoit de chaque côté de l'essieu renflé; pour le renforcer, deux croisillons le renforcent à angle droit de chaque côté de l'essieu.

Dans les gravures rupestres alpines, il existe quelques représentations de chars à roues présentant des rayons multiples (1). Or l'âge de ces pétroglyphes est bien déterminé comme appartenant à l'aurore de l'époque du Bronze.

A une époque plus évoluée de ce même âge, se placent les belles roues de chars sacrés à gros essieu et rayons au nombre de 4,5 ou 6, qui démontrent que déjà l'évolution de la roue avait atteint les formes définitives qui servent encore de nos jours (2).

Malgré cela, dans l'Europe du 20.^e siècle, il existe de nombreux districts où les chars



FIG. 11—ECHELLE $\frac{1}{9}$

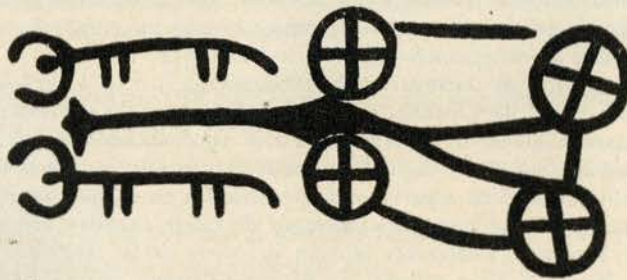


FIG. 12—CHAR TRAINÉ PAR DES BOEUFs GRAVÉ SUR UNE ROCHE SCANDINAVE

paysans ont conservé des formes primitives, dont l'origine, nous venons de le voir, doit être considérée comme remontant plus loin que le début de l'âge du Bronze. En effet, dès

(1) J. Déchelette, p. 494, fig., 209.

(2) Ibid. p. 290-293, fig. 111, 111 bis.

LE CHAR ET LE TRINEAU

ce moment, nous venons de le voir, les roues sont de type souvent très évolué et diversifié. Sur les vases de la fin de l'âge du Bronze et du début du Fer des régions Danubiennes sont représentés, tracés d'une façon barbare, d'assez nombreux chars à quatre roues (1).

Enfin la Scandinavie nous donne de remarquables figures de chars de l'époque du Bronze, gravés sur des rochers (2) sur lesquels se trouvent de nombreuses scènes de la vie de cette époque (Fig. 12).

Il serait certainement fort intéressant de rechercher, dans les chars primitifs encore en usage dans plusieurs parties de la péninsule ibérique et d'autres régions, aussi que sur les monuments anciens d'époque classique des éléments de comparaison. Ces comparaisons seraient certainement très suggestives. Le peu de temps dont je dispose actuellement pour leur donner un développement convenable m'empêche de les poursuivre, mais je suis heureux de penser que M. Vergilio Correia, directeur de cette revue, dans une belle monographie d'ethnographie moderne et comparée, saura bientôt combler cette lacune. Ce petit travail sur les chars préhistoriques énéolithiques et de l'âge du Bronze de la péninsule sera sans doute de quelque intérêt pour ceux qui liront, bientôt, j'espère, le beau travail que nous attendons impatientement.

H. BREUIL.

Professeur à l'Institut de Paléontologie Humaine (Paris)



Comission de Investigaciones paleontologicas y prehistoricas: — Continuando a dar noticia das valiosas monografias publicadas por esta benemerita Comissão, temos de ocupar-nos hoje de dois livros; *El Paleolitico inferior de Puente Mocho*, por Juan Cabré e Paul Wernert, e *Las Pinturas rupestres de Aldeaquemada*, por Juan Cabré.

No primeiro estuda-se uma serie de instrumentos de quartzite pertencentes aos periodos *chelense*, *achelense* e *musteriense*, encontrados em Puente Mocho (Jaen). A estação foi descoberta pelo Professor Breuil, que, em 1913, acompanhado do sr. Cabré, atravessou a região. Tanto o sr. Breuil, na *Anthropologie*, t. XXV, pags. 244 a 246, como o sr. Cabré, na *Arte rupestre en España*, pag. 42, deram noticia do descobrimento.

Um aspecto curioso desta estação é a sua area enorme, que alcança seis quilometros ou mais de comprimento. Faz-me lembrar a Damaia, onde, numa grande extensão, se encontram silices e quartzites talhados, que indicam uma ocupação prolongada e densa do territorio entre Queluz e o Monsanto.

O sr. Paul Wernert, co-autor do trabalho, publicou, não ha muito, um trabalho muito curioso acerca das *Representaciones de antepassados en el Arte Paleolitico*.

Em *Las pinturas rupestres de Aldeaquemada*, (Madrid-1917) o sr. Cabré dá-nos vasta documentação sobre arte rupestre do sul de Espanha, mas, a nosso vêr bastante desacompanhada de explicações e aclarações. Muitos desses monumentos haviam tambem já sido indicados pelo sr. Breuil.

Alem destas memorias, a *Comission* publicou, sobre etnografia e arte preistorica, as suas notas n.ºs 9, 10, 11 e 12, intituladas: *Una supervivencia prehistorica en la psicologia criminal de la mujer*, por C. Bernaldo de Quirós; *Datos para la cronologia de l'arte rupestre del oriente de España*, por Ismael del Pan y Paul Wernert; *Pedernales tallados del cerro de los Angelos (Madrid)*, por E. Hernandez-Pacheco y José Royo; e *Silex tallados de Illescas (Toledo)*, por C. Navarro y Paul Wernert.

(1) J. Déchelette. t. II, p. 521, d'après Hoernes. L'éloignement ou je me trouve de ma bibliothèque comparative m'empêche de pousser davantage ces travaux de comparaison, que j'espère avoir l'occasion de reprendre, lorsque cesseront les circonstances troublées de l'heure présente et que la paix rendra de nouveau possible de consacrer à la science un temps, actuellement réclamé par de plus impérieux devoirs. (2) H. Obermaier *Der Mensch der Vorzeit*, p. 557, fig. 375.

UM BACULO



s baculos!

Quanta belleza acudindo á polpa febril das mãos!

Quanta emoção na synthese mystica d'esta nobre symbologia christã!

Horas que sois creadoras e sensiveis! Grande mysterio o vosso projectando a alma humana na graça transfigurada das maravilhas immortaes!

O que a Fé creou! Bem dita seja a Fé!

Destinado a altas missões de pastoral bondade, emana sabia e sã doutrina da velha formula da sua imposição:

— *Brandura no corrigir, empenho no propagar da vir-
tude, suavidade de espirito no inflingir das penas.*

Ai como é vario o coração do mundo!

Uns o desejaram mordidos de ambição e de impetuosa soberba, machinando, tramando, astuciosos e sombrios, enredados na teia politica, o mal dos males e de todo o tempo.

E luctas! ? E rebellias! ? O temporal, o espirital, e o schisma . . .

Outros o acceitaram de cabeça curva, sentindo desabar a terra na memoria d'aquelle dia grande, que os tornava mais miseros e mais mesquinhos. Lembrei-me de Santo Agostinho, ao receber a mitra de Hyméria:

— *Apiedae-vos de mim, que a minha desventura me trouxe a este logar.*

E não deixo de sorrir, quando em mim perpassa, levemente, como fuga, a reminiscencia galante do baculo da abbadessa Gracia Mendes, que o esqueceu na cama do nosso bravo rei Affonso IV.

Dizem os tratadistas liturgicos que se entregavam aos bispos na sua consagração, aos abbades e abbadessas na sua investidura, e que, em certo tempo, o usaram tambem os papas.

Quando, porém, Innocencio III subiu á cadeira de Sam Pedro, ahi por 1216, não consta que estivesse em voga tal costume.

Os bispos levam-no, de direito, quando celebram solemnemente, de pontifical; e, mercê de um privilegio, fóra da diocese.

Extraordinariamente, foi concedida identica faculdade aos prelados inferiores, na rigorosa observancia do cerimonial anteriormente dito.

Na sua concepção mais primitiva, embora já estylizado, o baculo, tinha a forma do *pedum* classicamente latino; era talhado em madeira e media metro e meio de altura.

Arqueou com leveza na parte superior, percorreu caminho variando pela transversal e rematou mais uma vez em curva, definitivamente para baixo. A esta constante e accentuada evolução se pode attribuir, indubitavelmente, a natural tendencia para uma finalidade de voluta perfeita.

UM BACULO

O *pedum* tinha quasi sempre uma figura, de cuja cabeça nascia a voluta.

E' esta a maneira mais antiga e a actual ainda.

Depois, surgiu á guisa de *férula*, e assim o vimos usado pelos papas. Consistia n'um remate superior de empunhadura, sustentando quasi sempre a cruz.

As remotas dignidades da egreja oriental tiveram-no ao modo de *crocia* (T grega), com serpentes enlaçadas e oppostas.

O mais distante material de construcção foi a madeira dos melancolicos cyprestes. Exigencias de anciedade artistica introduziram a haste de cobre dourado, a voluta de marfim e a figura de crystal.

Então, succedeu que obreiros invulgarmente imaginosos espalharam uma torrente de sumptuosidade esthetica, bastante documentada ainda hoje nos diferentes thesouros sacros da Europa.

Incrustou-se e chapeou-se a madeira com ouro, prata, marfim, e tiveram a palavra delicadissimos esmaltes.

Com a arte romanica, ascendeu a voluta em preciosa ornamentação: — figuras phantasticas de symbolismo christão. Certa parte rematava num dragão, varado por uma cruz. Tal é o baculo de cobre, existente na Basilica Primacial de Braga.

Outras vezes, era um leão vencido pela serpente, isto é, — a força dominada pela prudencia. Esta divisa, aliás frequente em toda a edade-média, perpetua-se num bello exemplar de cobre esmaltado, do sec. XIII, existente em Estella, na vizinha Hespanha.

Pelo primitivo da execução e ainda pela rudeza do material empregado, é notavel esse outro, de ferro, tambem romanico, que Barcelona mostra na sua Cathedral.

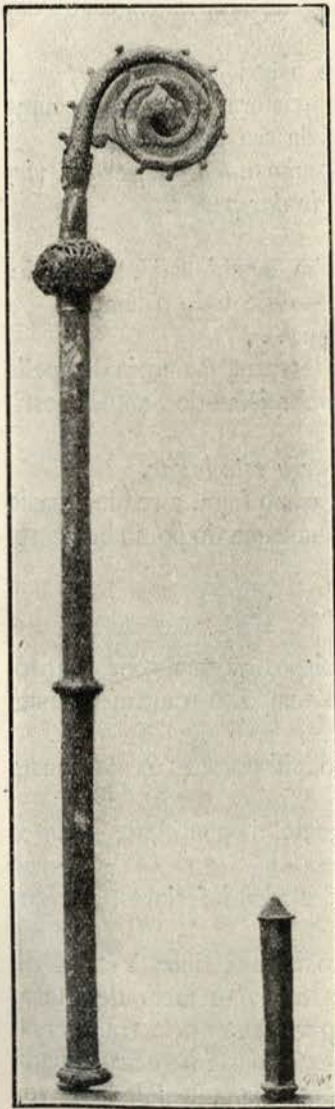
Com o gothico, a vida de Christo alastra maravilhosa-mente pela voluta, em decorações puramente architectonicas, e a *maçã* converte-se em *lanterna*.

Ha baculos que a sensibilidade eterniza: — O de Sam Malo, na Cathedral de Bruges (sec. VI). E' composto de varias peças de marfim, ligadas por doze tiras de cobre.

Oxford orgulha-se de possuir tres, antiquissimos, de rara belleza. E nunca os olhos esquecerão o do Abbade Cellini do Monte Cassino e o de Julio de Médicis, mais tarde Clemente VII, guardado no Palacio Pitti, em Florença.

Já encontrei quem pretendesse crear-lhe ascendencia no *lituo* dos romanos.

Anteponho a opinião d'aquelles que filiam a sua origem historica no cajado de pastor. E' certo que, nas catacumbas, foram encontrados varios baculos do sec. IV. Inutil argumento. Quem averiguou que se destinassem a fins liturgicos?



BACULO DE D. ANDRÉ DE TORQUEMADA

UM BACULO

Mas ha mais. Só em 633, no canon 27 do Concilio de Toledo, se faz relação e falla do baculo, como insignia pastoral.

O seu destino jurisdiccional revela-se, quando os bispos o empunham de feição tal que a linha externa da curvatura fica voltada aos feis.

Os abbades, a partir dos meados do sec. xvi, conduzem-no voltado para si e velado por fino linho, sempre que esteja presente um bispo. De menores dimensões e menos decorativos, não deixam, contudo, de ser interessantes.

Existem curiosos desenhos, especie de filigranas em papel, que, reunidos criticamente, nos dariam a marcha evolutiva do caso: — Troyes (1336); Colmar (1400); Chateaudun (1431); Aubrac, Basilea e Hamburgo (1432-37); Saint-Dié (1421-89); Lautre e Tarn (1435); Roma (1487); Genebra (1483 e 1528); Angers (1507).

Lisboa interessada e artista venera, no Museu Nacional de Arte Antiga, um precioso baculo, adquirido no leilão Azambuja.

Em Hispanha, além dos já citados, ha outros notabilissimos: — o de Santo Domingo de Silos (sec. xiii), o da Abbadessa de las Huelgas (sec. xiv) e o do Arcebispo de Toledo (sec. xv) são tres obras primas de prata cinzelada, religiosamente conservadas na collecção particular da Casa de Ossuna e no Museu Artistico Archeologico Episcopal de Vich. E só n'aquelles que se encontram esculpidos em estatuas tumulares de cathedraes e mosteiros, tem este paiz materia para um larguissimo e profundo estudo.

Seria preciso meditação e alma, que não tenho, para bem comprehender quanta emoção se desprende do que pertenceu ao antipapa Luna, dos de Siena, Lyon, Nuremberg e Ravena, alem de seis maravilhas que jazem em Florença, — cidade das flôres e do Arno, de collinas roseas e bosques docemente azulados, onde paira ainda, como nevoa maliciosa, o espirito de Boccacio, recitando ás damas, n'um sorriso de fauno, trechos do Decameron, para esquecer a peste...



A «CROSSA» DO BACULO

A completar a formosa e extensa galeria que acabo de percorrer, ha aquelle que motivou esse pouco de ligeira e desprendida historia.

Supponho-o oriundo de Hispanha, visto que acompanhou, na época de quinhentos, Dom André de Torquemada, *bispo in partibus infidelium*, fundador do Convento dos Remedios na Cidade de Braga, onde foi sepultado.

A demolição do convento e respectiva igreja, para levantamento do Theatro-Circo que ora alli se vê, descobriu a lage tumular e desentranhou a referida insignia.

UM BACULO

Era de cobre doirado.

A voluta, estylizada em serpe, com pedras azues cravadas nos olhos, foi outrora revestida de vivissimo esmalte azul e vermelho sêcco, desmaiado.

A figura coroada, de cuja cabeça nasce a voluta, é tambem dourada e cravada de pedras, escuras nos olhos e azues claras em diferentes sitios da vestidura.

Assenta esta sobre uma *maçã* com subtilezas de renda vasada a cinzel, caprichosamente entretecidas ao redor de uma chimera alada, com fôros de motivo central. E, concluindo finalmente o todo, uma haste de côrte hexagonal, dividida em nós, quatro ao certo, fóra a ponteira.

Ora este baculo, historico e artistico a um tempo, de que ainda consegui impressões directas e breves apontamentos, mercê dos quaes o meu querido amigo Alberto de Sousa compoz valiosos desenhos interpretativos, perdeu-o Braga pela sua incuria e classica indiferença. Claro está que, n'este dizer, apenas me refiro á Braga que blasona de erudita e artista, á Braga municipal, sobretudo a esta ultima, que não pode de fórma alguma allegar ignorancia sobre o apparecimento, que é obrigada a constatar o desvio, e, em harmonia com o primeiro caso, absolutamente responsavel pelo segundo.

Conta a velha cidade dos arcebispos alguns vogaes da circunscripção archeologica do norte do paiz. E' certo, irremediavelmente certo. Tam certo, como em mim abundar o convencimento de que nunca o foram de facto, mas pura e singelamente no nome.

Agita-se, de vez em quando, a nota falsa e chronica, jamais realizada, de um museu que permittisse arrecadar dignamente o espolio artistico de Braga.

Isto nunca passou de panno vermelho para abysmar os olhos de algum ingenuo interessado, que quasi sempre afunda n'um atoleiro estranho, manhoso e relesmente politico.

Mas não é tudo.

Certo amigo que tenho, sabedor e metediço em verdade, contou-me como um funcionario braguês possuia os bastantes meios e auctorizações governamentaes para installar provisoriamente o já lendario museu.

Dorme a eternidade dos justos no fundo de uma gaveta a provisão governamental, enquanto o nosso *rond de cuir* continua pregoando, esbofado e dorido, uma campanha cynica em pró da sua immortal ideia.

Pois tenha o meu metediço é sabedor amigo esta affirmacão na ponta da lingua, tal como se fôsse o credo, porque póde convir logo ou amanhã.

Em resumo. Devia o baculo estar guardado; na Sé ou na Camara, fôsse como fôsse.

.....

BIBLIOGRAFIA. — Catalani. — *Pontificale Romanum*, (Roma 1850). Reusens. — *Eléments d'archeol. crét.*, (Dublin 1885.) Martigni. — *Dictionnaire des antiquités chretiennes*, (Paris 1878). Solans. — *Manual liturgico*, (Barcelona 1907). Davilier (barón de). — *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne*, (Paris 1881). P.^o Francisco Naval. — *Curso breve de Archeologia y Bellas Artes*, (Madrid, 1915).

Lisboa, em Fevereiro de 1917.

FRANCISCO LAGE.

NOTAS

A ARTE RUSTICA EM EVORAMONTE



Fig. 1

mão de José e de Manuel Serra.

Tecedeira equivalente ao *tecedor* de Arraiólos e Sousel, é o gancho que as mulheres ao fazer meia pregam ao ombro, e por onde passa o fio entre o novelo e as agulhas.

O que esta revista tem publicado, a meu pedido, é suficiente para se fazer ideia do carinhoso cultivo e desenvolvimento que alcançou, em Evoramonte, a arte popular.

Termino consignando os meus agradecimentos ao artista que desenhou os objetos e ás pessoas que os emprestaram para serem reproduzidos.

Abril de 1917.

ANTONIO M. DO CARMO.

Apresento hoje aos leitores da *Terra Portuguesa* os desenhos de um polvarinho de chifre (Fig. 1), e de um *reclamo* para perdiz, de buxo (Fig. 2), fabricados por Vicente José Mourão, humilde filho das freguezias de Evoramonte, de ocupação, trabalhador rural.

Por coincidência, este modesto artista é viuvo de uma irmã dos Serras, de quem me tenho ocupado noutras notas. Também, como os cunhados, produziu muitos objetos apreciáveis de arte rustica, em chifre e cortiça.

Estamos em presença de dois bons trabalhos, executados a bico de canivete por um individuo que desconhece o desenho e que foi mais influenciado pelos costumes correntes no Alentejo, do que pelo convívio com os cunhados. A figura 3 representa uma *tecedeira* de buxo, constituída por um cestinho suspenso de duas argolas, e estas pependentes dum coração em posição invertida. Todas as peças foram lavradas no mesmo pedaço de páu, trabalho difficil, como os que se admiram nos n.ºs 5 e 12 da *Terra Portuguesa*. Esta *tecedeira* é obra de Manuel Pequeno, trabalhador rural, já falecido, ir-



Fig. 2



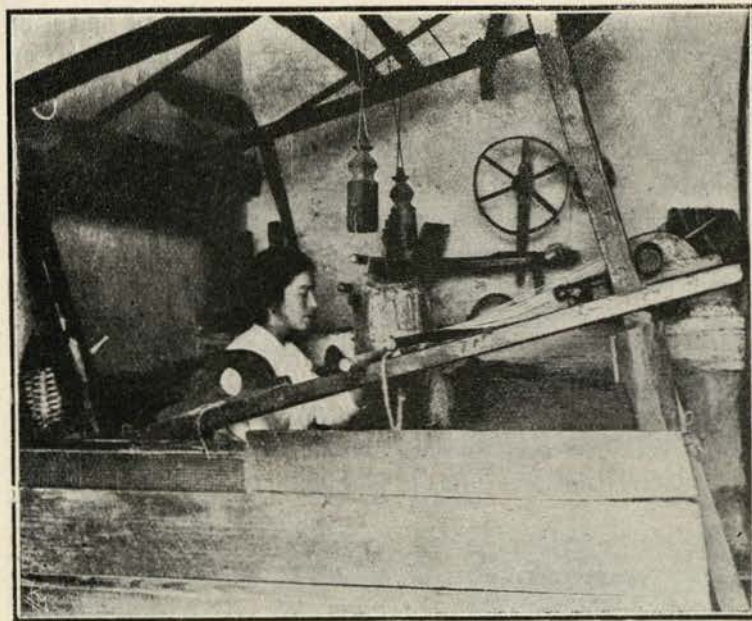
Fig. 3

UM TEAR DE CASTELO DE VIDE

Foi Castelo de Vide, em tempos passados, um centro importante de tecelagem.

Já anteriormente ao reinado de D. João III, os documentos relativos ao concelho, citam entre os «mestéres», como um dos principaes, o dos *cardadores*, nome por que ficaram conhecidos, durante muito tempo, os habitantes da Vila.

Desenvolveu-se a tecelagem não só como industria para os usos locais, mas para exportação, até que o Marquez de Pombal, introduzindo os aperfeiçoamentos então conhecidos no estrangeiro, nas fabricas que se fundaram nessa epoca, e principalmente na de Portalegre, arruinou a laboração dos numerosos teares que existiam em Castelo de Vide.



TECEDEIRA DE CASTELO DE VIDE

Poucos restam já: — uns oito ou dez, dispersos pelas antigas e estreitas ruas da linda vila do Alto Alentejo; mas todos conservam a estrutura rudimentar, o seu esqueleto de quatro estacas principaes, dentro de que giram todos os outros componentes do tear primitivo.

De pés nas *espreme-deiras* ou *peanhas* e de mão na *queixa*, batendo os pãos, tal como as tecedeiras quinhentistas, trabalha ainda no seu tear, á Carreira Velha de Sam Tia-

go, a guapa Victoria d'Alegria Roqueira. Na fotografia está ela *peirando* o tear (metendo os fios nos lissos). Ao fundo avista-se uma *roda* de fiandeira.

Sustentam as *canas* dos lissos, os *carreteis*, a que chamam *grades* em Castelo de Vide, assim como alcinham de *burro* o peso que segura as canas. Estes *burros*, são constituídos por uma amalgama de objectos heterogeneos — pedras, busios, antigos pesos de ferro, e até um isolador de fio telegrafico!

No lado direito do tear vê-se o taboado que serve para livrar a tecedeira do frio.

Em alguns teares, tal como succede em Almalaguez (1), aparecem, colados nas estacas, *santinhos* e pequenos registos de romarias; noutros, porém, já collocáram, ao lado, ou sobre as *bentas imagens*, os retratos dos drs. Affonso Costa ou Antonio José de Almeida...

LUIS KEIL.

(1) V. Correia — *Etnografia Artistica*, pag. 37.

AZULEJOS PORTUGUESES NA ILHA DE S. MIGUEL (AÇORES)

Um dos capitulos da importante e interessante obra *Notas sobre Arte*, do sr. dr. Luiz Bernardo d'Athaide, dado á estampa em 1915, occupa-se demoradamente dos azulejos portuguezes que decoram os edificios religiosos da ilha de S. Miguel.

São bastante numerosos os paineis ou revestimentos completos que enriquecem as capellas e igrejas da Ilha. Desde os ladrilhos hispano-mouriscos, em relevo, da ermida dos Remedios da Lagoa e da igreja Mãe de Deus, aos da capela-mór de S. Francisco de Ponta Delgada, bem característicos já do primeiro terço do seculo XVIII, todos os outros tipos de azulejo portuguez estão regularmente representados em S. Miguel.

Merecem referencia especial os revestimentos do côro baixo do convento da Esperança, pintados com passagens da vida de Christo. O quadro central da parede sul, patenteia a assinatura de Antonio de Oliveira Bernardes, o grande chefe de escola e pintor de azulejos do começo do seculo XVIII.

No Museu de Ponta Delgada existe um pedaço de painel vindo do dormitorio do mesmo convento da Esperança onde se pode lêr ainda — *ra Bernardes... de 1712* —, resto de outra assinatura do mesmo mestre.

São, portanto, mais duas assinaturas do grande artista que aparecem a acrescentar a lista já extensa das suas produções e a documentar a expansão e prosperidade da sua olaria. E decerto não ficaremos por aqui. As velhas igrejas brazileiras revestidas de azulejos hão-de por certo oferecer-nos mais algumas datas.

FIG. 1 — ASSINATURA DE MESTRE ANTONIO DE OLIVEIRA
NOS AZULEJOS DO CÔRO DO CONVENTO DA ESPERANÇA

FIG. 2 — ASSINATURA EM AZULEJOS
EXISTENTE NO MUSEU DE PONTA DELGADA

Tendo lido estas referencias a pags. 66 e 68 das *Notas sobre Arte*, escrevi ao sr. dr. Luiz d'Athaide pedindo-lhe o decalque das assinaturas do mestre Oliveira. Na amabilissima carta com que me respondeu, o illustre critico de arte anuncia-me que está escrevendo um trabalho sobre a etnografia michaelense, a que já nas *Notas* inseriu não poucas referencias.

E' esta uma boa nova para quantos se dedicam ao estudo da etnografia portuguesa. Os Açores conservam ainda costumes encantadores, alfaias agricolas que na sua rudeza manifestam o estadio da civilização que ha alguns seculos as deixou no meio do Atlantico. Será portanto esse trabalho alguma cousa para ficar.

A *Terra Portuguesa* sente-se muito honrada em colocar as suas paginas á disposição do erudito investigador.

VERGILIO CORREIA.

CRONICA

PROFESSOR H. BREUIL

Dá-nos, pela segunda vez, a honra de colaborar na nossa Revista, o ilustre professor H. Breuil, paleontologo e arqueologo de renome europeu.

E' escusado dizer que a colaboração do prof. Breuil é disputada pelas melhores revistas estrangeiras da especialidade, como sejam *L'Anthropologie* e a *Revue Archéologique*, e que qualquer dos seus artigos marca sempre um avanço no campo das sciencias preistoricas. O artigo sobre carros, que nos enviou para este numero, é de extraordinaria importancia para o conhecimento da Arte rupestre de uma região de Espanha muito chegada ás nossas fronteiras, e, portanto, tambem de grande interesse para nós.

Entre os tipos dos nossos carros de bois provincianos, encontram-se alguns que são a derivação directa dos carros pintados que agora foram pela primeira vez reproduzidos pelo prof. Breuil.

Isto demonstrarei cabalmente no meu trabalho sobre *o Carro rural português* a publicar no proximo numero da *Terra*, e a que o ilustre professor teve a amabilidade de se referir já (1).

ALBERTO SOUSA

Por rasões absolutamente alheias aos nossos desejos, deixou a direcção artistica d'esta Revista o talentoso aguarellista e illustrador Alberto Sousa, que foi um dos seus fundadores e a cuja dedicação ella muito deve.

Alberto Sousa, que nos promete o valioso auxilio da sua collaboração artistica, quando nós a solicitarmos e as suas muitas occupações o permittirem, deixa na *Terra Portuguesa*, a mais viva sympathia e a recordação da mais leal e agradavel camaradagem.

A direcção da nossa Revista está, desde este numero, entregue a Henrique Santos Junior, um novo de talento, cujo nome já não é desconhecido no meio artistico portuguez e que cursa actualmente, na Escola de Bellas Artes, a cadeira de pintura regida por Velloso Salgado.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

Pediram a demissão de socios effectivos da Associação dos Archeologos Portugueses os srs. Alfredo Guimarães, nosso brilhante colaborador, e dr. Vergilio Correia e D. Sebastião Pessanha, director literario e proprietario d'esta Revista.

Estes srs. desempenhavam respectivamente os cargo de secretario-relator, presidente e vice-presidente da Secção de Ethnographia da mesma Associação.

(1) Sei bem ao que me arrisco annunciando este trabalho. Os que se julgam detentores de toda a sciencia ethnografica e arqueologica vão decerto lançar, açodadamente, á publicidade, os seus apontamentos sobre o assunto, para conquistar fulgentes prioridades. Que lhes preste...

EXPOSIÇÃO DE ARTE

A sr.^a D. Abigail de Paiva Cruz, distincta artista portuense, inaugurou no Salão Bobone a sua primeira exposição em Lisboa, composta de pintura, esculptura e rendas de Arte.

Sobretudo nas suas rendas, a expositora revela-se um verdadeiro temperamento artistico e uma digna continuadora da obra, tão graciosa e portuguesa, de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro — a rendilheira illustre ha poucos meses fallecida.

Muito sinceramente a felicitamos pelo successo da sua exposição.

CASA-ESCOLA PORTUGUESA

E' este o titulo sugestivo de uma Escola que o sr. dr. Bernardo Lucas inaugurou no Porto e que se destina a educar criteriosamente a futura mulher portuguesa.

A ella, e á sua interessante installação, nos referiremos mais largamente quando, correspondendo ao amavel convite do distincto pedagogo, a visitarmos.

Por agora, limitamo-nos a transcrever algumas palavras que lhe edicou Guedes de Oliveira, o brilhante chronista do *Primeiro de Janeiro* :

«O dr. Bernardo Lucas, espirito cultissimo e natureza requintada, poz ao serviço da sua iniciativa tanta paixão, tanto escrúpulo e tanto gosto, que, por pouco, a gente não sabe onde acaba propriamente a mais cariciosa das casas de educação e começa o mais enleante e lindo santuario de arte».

LIVROS

Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales; — Com a maior regularidade vão aparecendo as memorias da *serie geologica* do Museu de Ciencias de Madrid. A ultima publicada, a 19, intitula-se: *Los glaciares cuaternarios de la Sierra de Guadarrama*, e deve-se aos srs. Hugo Obermaier e Juan Carandell.

O autor dessa monumental obra que é *El Hombre Fossil*, e o sr. Carandell, repetem neste livro os metodos empregados nos seus livros anteriores sobre os glaciarios das serras de Gredos e Nevada. Apresentam-nos monografias completas, modernas no conteudo e na apparencia, dotadas de bibliografias preciosas que honram sobremaneira os seus autores e as repartições officiaes que as tornam possiveis.

Arqueologia Scalabitana, por Francisco Nogueira de Brito (Lisboa-1917): — Com uma linda capa desenhada por Alberto Sousa e ilustrado com numerosas fotografias dos srs. Carlos Gomes e Domingos Egreja, acaba de publicar-se o belo relatorio que o sr. Francisco Nogueira de Brito fez ácerca da visita da Associação dos Arqueologos a Santarem, em 9 de Julho de 1916. São interessantissimas e muitas delas inéditas, as notas de historia, arte e arqueología acumuladas nas 27 paginas do Relatorio, que sobremaneira honra as qualidades de intelligencia e de trabalho do seu autor. Da *Arqueologia Scalabitana* foi feita uma tiragem de 1:000 exemplares para serem distribuidos, a expensas do sr. Visconde de Santarem, na velha e nobre cidade ribatejana.

As mais calorosas e cordeas felicitações ao nosso presado colaborador.

Daquem & Dalem Mar, por Vêiga Simões (Manãos 1916). — Levado pelos destinos da sua carreira ao Consulado de Manãos, o illustre prosador da *Elegia da Lenda*, esse livro maravilhoso das *Saudades de Coimbra*, quiz deixar assinalada a sua passagem pela Amazonia com uma obra que não fosse somente uma produção literaria, mas constituisse tambem um trabalho valioso de investigação e direção economica.

Nesse estudo de politica comercial, modelo a apontar aos funcionarios consulares, muito ha de interessante para os portugueses, quaesquer que sejam as suas tendencias de espirito. E' um livro de fé

CRONICA

e patriotismo, enriquecido de dados estatísticos e de indicações de carater comercial que são a mais estavel e segura base de qualquer expansão portuguesa no Brasil.

Divide-se o trabalho em duas partes: *Geografia Comercial do Amazonas*, e *Relações com Portugal*. E' na primeira parte que as qualidades de prosador de Veiga Simões tiveram ocasião de se evidenciar e que se encontram bastos dados de carater etnografico.

Os capitulos — *A Terra e o Rio*, *o Homem e a Descoberta da Terra*, e *O Clima* — revelam um perfeito conhecimento, historico e etnografico, da região. A descrição da floresta, aggressiva e cerrada do Amazonas, a invocação da tragedia do homem só, em luta com essa mesma floresta, e a descrição da emigração cearense nos anos de séca, são paginas soberbas, cheias de viveza e colorido.

Na segunda parte do livro que trata das *Relações com Portugal*, demonstra-se com numeros a importancia do nosso comercio com a Amazonia e indica-se o melhor caminho para conservar ou recuperar os mercados da região.

Os nossos parabens a Veiga Simões pela sua obra tão portuguesa e de tanta importancia para o nosso futuro.

Da importancia dos documentos diplomaticos em Historia, por Antonio Ferrão (Coimbra-1917): — A Academia das Sciencias de Portugal é uma das sociedades scientificas que, recentemente, mais têm concorrido para o desenvolvimento e extensão metódica dos estudos historicos em Portugal. A fundação de Institutos em que se congregam e coordenam as forças scientificas dispersas pelas provincias, bastaria para justificar cabalmente esta afirmação.

Entre os academicos que maior lustre dão á agremiação, deve especializar-se o sr. dr. Antonio Ferrão, cujo segundo estudo sobre Heurística acaba de aparecer nos *Trabalhos da Academia*, tomo VI.

O capitulo I, da obra, que estuda a importancia dos documentos diplomaticos em Historia, occupa-se das fontes diplomaticas na historiografia contemporanea e das applicações do metodo de Ranke a essas fontes.

O capitulo II, trata da organização dos arquivos diplomaticos estrangeiros e da publicação das suas peças, passando uma vista de olhos sobre os arquivos de França, Inglaterra, Italia, Vaticano, Belgica, Holanda, Alemanha, Austria e Espanha.

O capitulo III, não menos importante que o antecedente, occupa-se dos arquivos diplomaticos portugueses, da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Biblioteca de Ajuda e Ministerio dos Estrangeiros.

Obras como estas são basilares. Para se poder fazer historia é necessario saber onde ir buscar os documentos. Nos seus dois trabalhos de Heurística o sr. dr. Antonio Ferrão põe-nos ao facto da existencia de numerosos elementos de consulta. Os nossos parabens e os nossos agradecimentos.

Poesia dos frutos, por M. Vieira Natividade (Alcobaça-1917): — Numa linda edição, enriquecida com um magnifico desenho de Raul Lino, o ilustre arqueologo e etnografo alcobacense, o sr. Vieira Natividade, acaba de publicar as palavras que, na *Festa dos Fructos*, realizada em Alcobaça em 16 de Setembro de 1915, no claustro de D. Diniz, proferiu perante uma ilustrada e seleta assembleia.

Este trabalho é, como o seu *Culto da Arvore* e as suas *Rosas*, um verdadeiro poema em prosa, cheio de emoção, de suavidade e de ternura para com estes dons bemditos da criação, que são os frutos.

E' uma grande obra nacional essa a que Vieira Natividade empresta o seu brilhante e equilibrado talento.

Pensamentos, Palavras e Obras, pelo dr. Severo Portella (Porto, 917) — E' mais um bello feixe de impressões, elegantemente escriptas, este novo livro do nosso distincto colaborador, sr. dr. Severo Portella, onde ha paginas muito portuguesas, como as que intitulou «Auto do vinho mósto», colhidas em terras da Beira, na aba norte da Estrella, entre gente simples dos campos.

A edição, muito cuidada, é da *Renascença*.

Agua corrente, por Mário Salgueiro (Lisboa-1917). — Um livro de versos de que se pôde dar noticia numa revista de especialidade, como é a nossa. Versos serenos, limpídos, cantantes, portugueses como um regato das nossas montanhas deslisando entre os musgos e as fragas. Bela edição e uma linda capa de Alberto Sousa.

Os nossos parabens a Mário Salgueiro, tão vigoroso jornalista como, agora o demonstrou, delicado poeta.



SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Podem requisitar-se para a Administração desta Revista:

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— Capas para encadernar o 2.º volume (n.ºs 7 a 12), gravadas a azul e preto sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— O 2.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **2\$ (dois mil réis)** cada exemplar.

Também nos encarregamos da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 números que o compõem, acompanhados da importância de **\$70 (setecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluídos o porte do correio e a embalagem. Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importâncias.

| | |
|---|-----|
| <i>As cangas e jugos portuguezes de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i> , n.º 2) .. | ⌘20 |
| <i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha | ⌘20 |
| <i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio), por D. Sebastião Pessanha | ⌘20 |
| Etnografia artistica — Notas de etnografia portuguesa e italiana , com 110 ilustrações, por Vergilio Correia | ⌘80 |
| Edição da «Renascença Portuguesa». | |

A sair

| | |
|---|-----|
| Tapetes de Arrayollos , por D. Sebastião Pessanha — Um volume de 50 paginas, com numerosas gravuras e uma capa desenhada por Alberto Sousa | ⌘60 |
|---|-----|

Pedidos á Administração

